

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROPGI//UEMASUL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU,
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PPGLe**

**ANTOLOGIA LITERÁRIA EM SALA:
um diálogo com 50 crônicas**

**E-BOOK DE ANTOLOGIA COM 50 CRÔNICAS DE AUTORES
DE IMPERATRIZ**

**PARA ATIVIDADES DE LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA EM ÂMBITO
DO ENSINO MÉDIO**

Organizador:

João Batista Pereira Silva

Orientador:

Prof. Dr. Gilberto Freire de Santana

Imperatriz

2024

FICHA TÉCNICA

Título do Produto Educacional:

Antologia literária em sala – e-book de antologia com 50 crônicas de autores de Imperatriz.

Origem do Produto: Produto apresentado mediante dissertação intitulada "A CRÔNICA IMPERATRIZENSE: literatura, regionalidade e ensino ", desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras – PPGLe – do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – UEMASUL.

Área do Conhecimento e Nível de Ensino a que se destina o produto:

Área do Ensino. Ensino Médio

Público-Alvo:

Professores que atuam na Rede de Ensino Médio; alunos do Ensino Médio.

Categoria deste Produto:

Antologia de 50 Crônicas de autores locais para atividades de leitura em sala de aula

Organização e finalidade do Produto:

Este produto é um e-book com uma Antologia de 50 crônicas de autores de Imperatriz; propõe atividades pedagógicas direcionadas em sala de aula, funcionando como um recurso na promoção de letramento literário.

Registro do Produto:

UEMASUL, Imperatriz.

Disponibilidade:

Via meio digital, de uso irrestrito em sala de aula, sob autorização dos autores, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação e idioma:

Por meio digital em português

Cidade/Estado/País/Ano:

Imperatriz. Maranhão. Brasil.

2024

RESUMO DO PRODUTO

Esse produto educacional, em formato de E-book, trata de uma antologia de crônicas de Imperatriz. É um Produto Técnico-Tecnológico [PTT – do Programa de UEMASUL]. Está destinado ao trabalho em sala de aula com alunos da 1ª à 3ª série do Ensino Médio. Propõe-se desenvolvimento de habilidades de leitura literária proficiente, desdobrando-se no despertar prazeroso da leitura a partir do gênero textual crônica, levando os alunos à leitura crítica do mundo e dos acontecimentos. A partir de uma sequência estruturada de leituras realizadas em formato individual e coletivo, dentro do componente de Língua Portuguesa, com textos selecionados, refletindo a realidade contextualizada, abordando o cotidiano, os acontecimentos, ações empreendidas e personalidades identificadas, o aluno tenderá à proficiência na leitura literária e geral, gerando ganhos educativos reais. As crônicas aqui elencadas em forma de antologia, contempla diferentes autorias, com diferentes abordagens e matizes, permitindo ao aluno inúmeras possibilidades de leitura. Como caminho metodológico, os quais são apenas indicativos, o professor poderá adaptar estes textos de crônicas em dinâmica de dramatizações, jograis, leitura compartilhada, leitura individual, grupos de leitura, jogos de leitura, entre outras possibilidades.

PRODUCT SUMMARY

This educational product, in E-book format, is an anthology of chronicles from Imperatriz. It is a Technical-Technological Product [PTT - of the UEMASUL Program]. It is intended to be used in the classroom with students from the 1st to 3rd grades of secondary school. The aim is to develop proficient literary reading skills, unfolding in the pleasurable awakening of reading from the textual genre chronicle, leading students to a critical reading of the world and events. Based on a structured sequence of readings carried out individually and collectively, within the Portuguese language component, with selected texts, reflecting the contextualized reality, addressing everyday life, events, actions taken and personalities identified, the student will tend towards proficiency in literary and general reading, generating real educational gains. The chronicles listed here, in the form of an anthology, include different authors, with different approaches and nuances, allowing students countless reading possibilities. As a methodological approach, which are only indicative, the teacher can adapt these chronicle texts into dynamic dramatizations, jograis, shared reading, individual reading, reading groups, reading games, among other possibilities.

ÍNDICE POR AUTORIA

Adalberto Franklin Fora de rota Foguetes Retrato de um tempo Na fila dos correios	Elson Araújo Abstração As vozes do silêncio, no apagão É chegado o tempo deles Escassez de reciprocidade O simples e o complexo Um encanto de região	Luiz Carlos Porto Antes da ação predatória
Agostinho Noletto O portal da Amazônia Os pioneiros de Imperatriz Patrono: José de Queiroz	Gilmar Pereira Ciúme Pueril Ajuda em hora errada Pensando na ideia de Livaldo Fregona	Livaldo Fregona Amazônia: insônia do mundo Dor da alma Fé Para ser Melhor
Carlinhos Veloz Imperador Tocantins Minha cidade	Hyana Reis Ponte Dom Felipe Tempo de Praia A Rua 15 O Velho Gullar	Manoel Aureliano Neto De carnaval
Edelvira Marques * Trilogia: A chegada dos brancos Meu encontro com Frei Manoel Procópio Nova vida	Jurivê de Macedo A lição do jumento Amaral Raposo Coisas e coisas nossas Endereço errado Lembrando Vito Paixão moderna Seu Nogueira	Marcos Fábio Academia Imperatrizense de Letras A Uemasul e suas metáforas Curso de Jornalismo
Edimilson Sanches Imperatriz, Majestade Rio Tocantins (1) Rio Tocantins (2)		Raimundo Trajano Neto Crônica da Saudade Tributo a Imperatriz (I) Minha cidade
		Vito Milesi Tolerância, virtude ambígua: Telefone de Ludovico
		Zeca Tocantins A bicicleta Brincando com fogo Eu e o peixe Meu reino enfraquecido

APRESENTAÇÃO

Prezado Professor (a)

Temos o prazer de lhe apresentar este E-book ***Antologia de Crônicas produzidas por autores de Imperatriz e Região Tocantina, para atividades de leitura literária em sala de aula no Ensino Médio***. Que possa ser ferramenta útil em ao menos duas situações educativas: no âmbito sala de aula, como proposta de atividade de leitura literária com conteúdo produzido nesta terra de Imperatriz e região, provocando debates, despertando novos olhares para a literatura regional; que possa ir além da sala de aula, sendo aproveitado em ciclos de leitura, em leituras individuais, em atividades extracurriculares, em vista da valorização da literatura pelo gênero da crônica, provocando novas reflexões e desenvolvendo o senso crítico do aluno.

Neste E-book – o qual o próprio título já demonstra – está sendo disponibilizada para alunos e professores no âmbito do Ensino Médio, uma antologia de 50 crônicas de diversos autores de Imperatriz e região, cuja essência, retrata por diversos olhares, um pouco de Imperatriz e Região, trazendo à baila elementos do cotidiano, fatos ocorridos e suas repercussões sociais, provocações úteis, exercícios de memória, percepções sobre a natureza local, histórias anedóticas e pitorescas. Tudo isso conduzindo o leitor ao exercício de uma leitura literária com uma identidade própria, regional – portanto, próxima da realidade vivida.

O professor do Componente Curricular de Língua Portuguesa, terá a oportunidade de conhecer melhor o perfil de alguns autores de Imperatriz e região, acessando algumas de suas crônicas. Desse exercício literário poderá encontrar ou desenvolver itinerários de leitura literária com seus alunos, num processo dialógico rico de possibilidades. Em relação a aplicabilidade dessas crônicas, importante atentar para o planejamento prévio dessa atividade, para dela obter melhores resultados.

Para auxiliar o professor neste itinerário de leitura, foi construído o que chamaremos de ***Caminho Metodológico*** – que está disposto na parte final deste material. Lá o professor vai poder escolher um roteiro, conjugar diferentes roteiros, ou simplesmente se inspirar na escolha de outro que melhor lhe aprouver. A plena liberdade de escolha - considerando o perfil dos alunos, o contexto a ser trabalhado e a crônica escolhida – estará sempre assegurada, em vista de trazer o

aluno para a leitura não por obrigação, indução ou mesmo coerção, mas pela capacidade de conquistar o aluno para e pelo texto literário e as possibilidades que ele oferece.

Desejamos pleno êxito em suas atividades com estas crônicas aqui sugeridas. Que possamos aproximar autor-texto-leitor, mitigando entraves, reconhecendo e indexando valor ao que é produzido na cidade e região, dando passos importantes no caminho da leitura literária proficiente – permanentemente alinhado com o ensino com qualidade.

1. INDICATIVOS PARA ATIVIDADE EM SALA DE AULA

Os indicativos são apenas e tão somente um exemplo de aplicabilidade. Aqui se apresenta duas crônicas para atividade em sala de aula. O critério da escolha, vai depender das intenções e objetivos traçados pelo professor. Todavia, colocar as crônicas como a referenciar um trabalho pedagógico em vista do letramento poderá significar ganhos reais de natureza educativa. Eis o que poderia ser desenvolvido a título de exemplo, podendo ser adaptado, aproveitado no todo ou em parte, prevalecendo o propósito de explorar os elementos das crônicas como recurso.

Identificação do plano: Letramento literário. Leitura e interpretação: Crônica em foco
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 1º ano do Ensino Médio
Sobre aula: Esta aula aborda o no gênero crônica, com aplicação de dois textos (duas crônicas), para leitura partilhada e exercício de interpretação. A aula faz parte do módulo de leitura e interpretação textual pela crônica Informações introdutórias para aula: A palavra origem do termo Crônica (grego <i>Chronos</i>), gênero que utiliza o tempo como base; aborda fatos simples, questões que se passam no cotidiano e expresso em linguagem literária; texto com narrativas curtas, com personagens reduzidos e predominância de oralidade.
Conteúdo: Duas Crônicas regionais.

1. *Endereço errado* --- de Jurivê de Macedo

Verdade que à falecida faltavam dois dentes. Faltava-lhe também aquele sinal (um cravo) sob o olho esquerdo. Aos olhos da dona da casa, “esta mulher não é minha mãe, mamãe era menor do que esta”. Mas no documento do hospital a defunta era dona Floripa, ali internada na tarde anterior, vítima de AVC. Pelo sim e pelo não, a funerária foi chamada, a morta posta em bonita urna “defuntícia”, flores foram postas em volta do corpo e, claro, o choro, as orações, os pêsames próprios dessas ocasiões, o cafezinho servido aos condoídos visitantes, tudo era feito segundo manda o ritual dos velórios. O féretro (êta palavrinha besta) sairia da casa por volta das cinco vespertinas. Tudo corri dentro dos conformes quando na porta da casa para outro carro funerário; dentro dele um outro cadáver de mulher. Essa aí, sim, é dona Floripa, bradaram familiares e amigos; até a inconsolável órfã respirou um tanto mais aliviada, “essa agora é minha mãe, graças a Deus”. Feita a troca das defuntas, e permutado os papéis do necrotério do hospital, desculpas esfarrapadas foram dadas à família.

Um ligeiro engano dera origem à troca dos dois corpos. “A senhora sabe como essas coisas acontecem! Aceite nossos pêsames e também nossas desculpas pelo incômodo”. Só então dona Floripa, já devidamente pranteada e de alma encomendada a Deus, tomou o seu devido, mas certamente não querido lugar no caixão e na sala do velório. Foi confirmada a hora da verdadeira viagem, enquanto outra defunta, que quem era nem de onde era ninguém da casa sabia, foi devolvida ao necrotério do hospital, agora sem choro, nem velas, nem flores.

2. *Brincando com fogo* --- de Zeca Tocantins

Quando desce a tarde sobre as águas do rio Tocantins, bandos de pássaros cruzam os céus em busca de seus dormitórios. Eu havia mergulhado, e agora esticava o corpo numa espreguiçadeira. Os anjos encarregados de recolherem as orações, já cumpriram suas tarefas e, agora se divertiam, pintando o céu de várias cores.

Foi nessa hora que tive a ideia estúpida: tocar fogo no capim seco da margem. Ao lado da minha casa, ficava uma casinha de palha do professor José Geraldo da Costa, que a utilizava, nos fins de semana, para seu descanso. Só descobri o perigo quando vi o capim queimando feito gasolina e, para complicar mais ainda, surgiu em vendo, não sei de onde, tangendo as labaredas pra cima da casa do professor.

O fogo gritava no barraco, devorando o capim, enquanto eu providenciava uma escada, um balde com água e uma vassoura para tanger as brasas que insistiam em repousar no barraco de palha.

Várias pessoas tinham se reunido para ver o acontecido e, o pior, eu ainda era um estranho na vizinhança. O fogo só parou porque não pode transpor um caminho que descia pro rio. Salvei o barraco. Mas foram destruídas dezenas de ninhos de galinha. Prometi pagar os ovos e nunca mais brincar com fogo. E a tarde estava tão bonita!...

Objetivos:

1. Apresentar dois textos de crônicas de autores regionais;
2. Fazer uma análise dos textos e do contexto da escrita;
3. Partilhar a experiência e o sentido produzido mediante a leitura dos textos;
4. Fazer conexões com a vida cotidiana, gerando interesse e despertando novos olhares;
5. Oportunizar um diálogo com os textos e entre os leitores, descobrindo caminhos novos de compreensão, sensibilizando para conquista de leitores pelo prazer.

Metodologia:

1) **Leitura Participativa.** A turma dividida em duas equipes, com seu respectivo texto. Cada equipe assume seu texto para leitura e análise sob a supervisão alternada do professor. Em seguida um representante de cada equipe partilha a experiência de leitura e compreensão do texto. O professor então faz as perguntas provocativas, tais como: Como a equipe compreendeu o texto? O que o texto tentou expressar? Quais possíveis conclusões é possível tirar para a vida prática?

2) Na segunda parte da atividade, o professor convida os alunos a aproveitar as temáticas suscitadas, a partir da crônica escolhida: além das possíveis conexões com a vida, o que poderia propor do ponto de vista prático aos alunos. Entrevista? Uma resenha? Uma visita ao autor (se vivo)? Uma pesquisa comparando a crônica trabalhada com outras crônicas do mesmo autor ou de outros autores? Esse segundo passo é importante, pois trata-se do efeito prologado da atividade proposta. Na mente do aluno, prevalece uma continuidade da atividade, mantendo-o ativo no processo por mais tempo, trilando percursos de letramento.

Materiais necessários: - Projetor / Cópias dos textos para as duplas/ caderno de anotações/ ficha de perguntas.

Avaliação: Um formato processual e qualitativo, onde o professor avalia a evolução da atividade no decorrer do processo. Um espaço para o aluno avaliar seus pares e a si próprio a partir de referenciais como habilidade de leitura, argumentação, compreensão do texto etc.

Referências Bibliográficas:

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. Jurivê de Macedo: mestre da crônica jornalística. Imperatriz: Ética. 2012.

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. Antologia: contos, contos, poesias. Imperatriz. Ética: 2012.

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura Trad. Alexandre Morales. Pulo do Gato: São Paulo, 2012.

MACEDO, Jurivê. Crônica *Seu Nogueira* (1980). Portal Socultura. Disponível em: <https://jupiter.com.br/u/socultura/jurive.html>. Acessado em 02/05/23.

3. CRÔNICAS DE IMPERATRIZ E REGIÃO PARA ATIVIDADES DE LEITURA EM SALA DE AULA

Como se pode acompanhar neste indicativo apresentado, o qual se destina a servir como referência ao trabalho pedagógico, a partir do uso das crônicas, o objetivo do letramento literário está presente. A ferramenta didática será este e-book de antologia com 50 crônicas. Aqui também o professor vai encontrar dados biográficos do autor da crônica escolhida, isso poderá ser útil ao introduzir-se o texto, o qual exige referenciá-lo adequadamente. Importante explicar que, embora estes textos se encaixem no componente de Língua Portuguesa, poderá ser um recurso que transita como apoio a áreas afins.

ADALBERTO FRANKLIN

Adalberto Franklin Pereira de Castro. Nasceu em Uruçuí-PI; viveu em Balsas-Ma até os nove anos de idade; em 1972 passou a residir em Imperatriz. Foi autodidata. Jornalista provisionado, escritor, pesquisador, tipógrafo e empresário. Estudou História pela Universidade estadual do Maranhão – UEMA e Direito pela Faculdade de Educação Santa Terezinha – FEST. Foi pioneiro na editoração eletrônica no Maranhão, fundador da Ética Editora em 1991, tendo publicado mais de 700 títulos. Foi membro-fundador da AIL, cadeira 20. É autor de obras como *Ofício das Letras* (1995), *Fé e riqueza* (2009), *Manoel da Conceição: sobrevivente do Brasil* (2014). Foi dirigente político e dedicou boa parte de sua vida à pesquisa histórica sobre o sul do Maranhão e edição/publicação de livros. (AIL, 2016. p. 117). Faleceu em 02 de março de 2017.

FORA DE ROTA

Almoçava com dois professores de história há menos de um ano vindos da Bahia para Imperatriz. No cardápio baiano, uma iguaria bem imperatrizense: as perspectivas do futuro da cidade nada animadores na avaliação deles.

Com os comentários negativos às áreas da cultura, educação, artes, lazer e falta de urbanidade até que já estamos de certo modo acostumados a admitir entre nós. Quando nos deparamos, porém, com análises muito negativas acerca do futuro econômico-social da nossa cidade e região, resistimos em admitir ou compartilhar com os analistas. De certo modo, uma defesa natural de quem tem fortes ligações, interesses e raízes aqui fincadas. Partir para a defesa. Não intransigente, Dialética.

A sobremesa era o futuro econômico de Imperatriz. Ainda há perspectivas? Parou no tempo e perdeu o rumo? Resta agora apenas a decadência? Houve quem recorresse à história de outras cidades para comprovar que atravessamos o mesmo ciclo de cidades que perderam a rota do desenvolvimento e hoje pouca importância tem.

Resisti a essa análise de pronto. Mas admito que, de certo modo, averiguando as tentativas infrutíferas que se tem feito na região de assegurar um futuro melhor ao Tocantins maranhense, fico um tanto assustado. Indago-me se não terão razão os amigos baianos. E não deixam de tê-la, embora não irrestrita.

Quando contabilizamos o número de pessoas empreendedoras que deixaram a cidade nos últimos três anos; as indústrias e empresas que deixaram de se implantar por falta de

infraestrutura ou de incentivo na cidade; programas governamentais que não se implantaram por “descuidos” administrativos; e tantos outros motivos... Lembremo-nos também de muitos encontros aqui realizados que se preocuparam com essa questão - até esses já escassos, talvez, pela falta de resultados obtidos. Quem ainda lembra da “Carta do Tocantins”, subscrita por 46 entidades – “forças sociais e econômicas da região tocantina” -, manifesto contrário e denunciador das “omissões e desatenções dos governos estaduais” que “a região tocantina, especialmente os municípios de Imperatriz e Açailândia, vem sofrendo ao longo dos muitos anos”.

Era um documento Sério e pormenorizado sobre as dificuldades e potencialidades da região, e onde se exige a resposta prática das áreas governamentais em salvaguarda do futuro econômico- social desta parte do Maranhão. Poucos frutos. Em março do ano seguinte (a “Carta é de março de 87) realizou-se o I Endeto (Encontro para o desenvolvimento Tocantino), patrocinado por ACII e ACIA, reunindo “as mais significativas lideranças de todos os segmentos da sociedade regional e de todo o Estado do Maranhão”. O mesmo cardápio a digerir. No documento final desse encontro, nada menos que catorze itens foram elencados como prioridades urgentes ao desenvolvimento regional. Não sendo muito rigoroso, pode-se dizer que, embora nenhuma dessas exigências tenha sido até hoje atendida, tivemos/temos tido alguns ensaios nesse sentido. E não recorramos agora, tanto a essas situações.

No hoje, aqui e agora, pode-se conseguir muitos culpados pela desesperança e pela falta de perspectivas que toma conta de muita gente. Há quem goste de culpar os governos e há quem os defenda; há quem culpe o empresário e há quem os inocente; há quem culpe os políticos... ou os trabalhadores... e mesmo toda a sociedade. Com quem está a razão?

Este não parece o momento propício de se buscar culpados ou inocentes. É hora de “cair na real” e reconhecermos a fragilidade do futuro de nossa região. Não nos iludamos. Além de todas as agravantes da economia nacional, estamos também debilitados em nossas perspectivas regionais e municipais. O barco não afundou, temos certeza, mas temos que reforçar seu casco antes que venha a tempestade. Precisamos mostrar que ainda há razões para se ter esperança num futuro melhor. Que, embora possamos estar à deriva, chegaremos à Terra firme. O vatapá estava gostoso, a sobremesa, nem tanto.

RETRATO DE UM TEMPO

Já se vão 20 anos daquele 1972 em que cheguei com minha família a Imperatriz. Este ‘92 traz-me à constatação do quanto avançamos no tempo e a cidade mudou sua fisionomia. A Imperatriz de duas décadas antes vivia em efervescência. Crescia abruptamente com a chegada

diária de famílias de tantos lugares diferentes e longínquos e começava a despontar como grande pólo regional. Uma cidade promissora. Olhando o tempo, dou-me conta de testemunhei muita coisa... cresci com a cidade.

Sempre carrego na memória um passeio de jipe por uma estrada arenosa recém-aberta, praticamente desabitada, onde meu pai rejeitou a doação de um bom pedaço de terra. Pra que me serve terra num areão desse?”, argumentou ele. Hoje essa estrada arenosa é a Avenida Bernardo Sayão, que antes ligava Belém-Brasília ao antigo aeroporto. Ou melhor, ao campo de aviação, que ocupava todo o espaço entre a hoje praça Tiradentes e o Senai, ao lado do cemitério São João Batista. Toda essa área é agora ocupada por prédios de órgãos públicos.

A praça de Fátima era o ponto de chegada. Sem estação Rodoviária, os ônibus do extinto Expresso Braga, pioneiro da Belém Brasília, ali faziam seus desembarques. Vendedores de uva e maçã - frutos então raros para a maioria dos nordestinos - cercavam os possíveis compradores. Ali ficava também a barbearia mais frequentada da cidade, do seu Deusino, que resistiu bem pouco tempo, à corrida imobiliária do setor. Cedeu lugar a um prédio e foi com a sua navalha para o Bacuri. Já existia o Armazém Paraíba, mas a Casa Paraibana, ali ao lado e o que o fogo levou, também fazia sucesso.

O comércio ainda estava centrado entre a praça e o rio, na parte antiga da cidade, mas a Getúlio Vargas começava a ser disputada. Na esquina com a Ceará. Estava a Casa Vogais, de relativo renome. E à sua frente, o ponto mais alto da cidade, a “igreja da ponta fina” - templo presbiteriano, com uma torre bem alta, de onde se podia avistar toda a cidade. Ironia ou não, derrubado o templo, continua vago o terreno até hoje, numa das mais nobres áreas comerciais.

Nessa época também fervilhava o comércio no Mercadinho, o Mercado Vicente Fitz, lugar de muito mato e caça até meados dos anos 60, segundo me contaram. Uma típica feira nordestina com a presença certa de violeiros, cordelistas e do homem-da-cobra vendedor de drogas. Comprava-se e via-se “de tudo”, como se diz da feira de Caruaru.

E também para se ver e assistir existiam ainda vários cinemas como Muiraquitã, Marabá, Brasil, Celimar... mas nada de emissoras de televisão ou rádio, ressalvando-se uma iniciativa não legalizada, por onde lembro ter ouvido a apuração da eleição municipal que elegeu Xavier prefeito. Já circulava *O Progresso*, todas as semanas, saído da oficina dita Tipografia Violeta, de José Matos Vieira. O Jurivê escrevia e mandava ler. E falava-se pelos telefones da Telimsa, a numerados com apenas 3 algarismos.

Não tinha idade para as tertúlias, mas lembro que as noites de sábado eram animadas no Clube Tocantins. Ali na Godofredo Viana. Nessa época O Juçara não passava de uma quadra

murada com uma grande Palhoça ao fundo. Os que gostassem de futebol, poderiam assistir ao Imperatriz ainda nas mãos do sindicato dos arrumadores - se engalfinhar com o Cruzeiro do Mangueirão, campo ao lado da Churrascaria Boi na Brasa, então em área atrás do hoje Hotel Anápolis.

As praias do Goiás e do Embiral disputavam a preferência no verão, em detrimento da hoje movimentadíssima praia do Cacau, na época não recomendada por objeções morais. Concorridos eram também os banhos no distante Barra grande, na ponte do Cacau e até mesmo no riacho Bacuri, que corria límpido até o Tocantins. Cidade distante diferente é essa, que o tempo levou.

NA FILA DOS CORREIOS

No televisor, o anúncio apresenta um carteiro exaltado com a conquista da empresa de correios, outra vez eleita a instituição pública mais confiável, a de maior credibilidade no país.

Na fila da agência dos correios, meio-dia e meia, já com vinte minutos na final de atendimento, um homem de meia idade reclama do reduzido número de funcionários na repartição. Apenas duas pessoas no balcão para atender dezenas de usuários apressados e impacientes. Apenas um funcionário para atender todo o movimento de cartas, encomendas, telegramas... Melhor dizer quase todo o movimento, pois seu colega atendia a bem poucos, exclusivamente em serviço específico recém-implantado na instituição.

Muitos perderam a folga do meio-dia do serviço para postar correspondências e ficavam ali, na fila, inquietos com a demora. A fome e o tempo marcado para voltar ao serviço agitavam alguns, que não suportavam calados a esse costumeiro entrave das repartições públicas que é a fila.

- Não é possível! Uma cidade desse tamanho... – emenda um.

- Isto aqui é a modernidade que estão pregando, meu amigo. Há tempos que não contratam mais funcionários e os serviços continuam aumentando. O que é que se pode esperar de melhor? – indaga o senhor de meia idade.

- Mas como é que pode!? A principal agência de correios da cidade e só há duas pessoas para atender... – retorque o primeiro, enquanto entra um jovem de uns vinte anos com ar mais impaciente que o dos outros.

O jovem olha o tamanho da fila e não se submete a esperar tanto. Dirige-se ao primeiro atendente, onde apenas duas pessoas aguardam, na certeza de ali dar um jeitinho de ser despachado antes de todos.

- Aqui só atendo Tele-Sena – adianta o funcionário, sem levantar a cabeça. – Para postagem

tem que esperar na fila.

- Então me venda selos – insiste o jovem.

- Selo também é na fila. Aqui é só Tele-Sena – retruca o atendente.

Enquanto o jovem, inconformado, encosta-se ao lado do balcão, dando lugar a um comprador da dita Tele-Sena, chaga um senhor bem vestido, aparentando uns quarenta e cinco anos, com um aviso retirado da caixa postal. Quer receber a encomenda de que fala o aviso, mas também tem problemas.

- Como não posso receber? Aqui não diz que devo retirá-la no balcão? – indaga o cliente.

- Quem trabalha nesse setor só chega às quatorze horas – atalha o atendente, enquanto entrega mais dois cartões da Tele-Sena a um homem de idade avançada. Com aspecto de aposentado.

- Então tenho que colocar de novo o aviso na caixa postal e esperar outro dia quando encontrar alguém que possa me atender, não é? Ironiza o cliente, enquanto o funcionário dos correios se mantém calado, à espera dos clientes da Tele-Sena.

- Está vendo aí? Os Correios agora viraram filial do Silvio Santos. Dão preferência à venda de bilhetes de loteria aos serviços de correspondência – volta à carga o homem da fila.

- Isso aí deve estar rendendo mais pros lá de cima – diz, maliciosamente, o homem de meia idade.

Dez pra uma. Já se foram quarenta minutos. Era agora o segundo da fila. Um pouco mais e poderia livrar-se daquele incômodo.

Cinco pra uma. Agora sim, chegou a hora. Entrega um aviso de retirada de encomenda. A atendente lê e relê o documento sem tomar decisão. Pára por um instante e o fita com ar grave, considerando, talvez do tempo de espera daquele homem em fila.

- Não é meu setor... A pessoa que atende isto chega somente daqui a uma hora... – diz calmamente a funcionária que decidida, completou: - Mesmo assim vou atendê-lo; espere um instante.

- Em três minutos estava de volta, com a encomenda nas mãos.

FOGUETES

Nunca imaginara que foguetes pudessem ter qualquer importância numa ligação telefônica. Muito menos que pudessem melhorar a qualidade de um telefonema. Tecnicamente, parece absurda tal concepção. Certamente, os especialistas da eletrônica e da telefonia dariam risos diante dessa possibilidade. A sabedoria popular, no entanto, muitas vezes deixa engasgados

os homens das ciências. Sabemos, porém que há coisas que somente a vivência ensina; por isso se diz popularmente que vivendo é que se aprende.

E foi assim, no dilema entre a lógica científica e a prática popular que o Zé Trajano, cabra pra mais de sessenta janeiros, conhecedor de muitas tramas da vida e dos costumes das gentes da cidade e do sertão e ensinador de outras tantas coisas que os anos lhe ensinaram, voltou aos seus dias de aprendiz.

Pois sim! Vamos aos foguetes. Ou melhor, ao caso.

Trajano visitava o povoado Sumaúma, aqui nas margens da Belém-Brasília, a quarenta minutos de Imperatriz – ou trinta para os que gostam de alta velocidade. Era a primeira vez que ali comparecia ao trabalho, levantando as carências dos órgãos públicos e providenciando o que fosse de maior urgência. Assim, chegou ao posto telefônico.

Prediozinho acanhado, uma saleta apertada com um balcão, detrás do qual atende a telefonista; duas pequenas cabines e mais outro cômodo onde ficam os aparelhos de transmissão, que se ligam às antenas instaladas numa torre de uns vinte metros de altura. Beth, a telefonista-chefe responsável pelo posto, uma jovem morena-clara de cabelos pretos e lisos, foi logo desfiando-lhe o relatório das necessidades emergenciais, que não são poucas. E o fez de forma sucinta e direta, como quem apresenta uma conta ao devedor remisso.

Ao final, Trajano recebeu a lista previamente escrita do que o posto precisava com mais urgência. Colocou-a no bolso da camisa sem maiores verificações – mesmo porque ouvira de viva voz o que deveria estar relacionado. Além do mais, não havia dúvida de que os itens listados se restringiam ao indispensável para a normalidade do funcionamento do posto telefônico, um dos poucos e mais importantes serviços públicos disponíveis no povoado.

De papel na mão, já no comércio de Imperatriz, deparou-se Trajano com uma situação inusitada. Na lista, uma caixa de foguetes.

- Que tem a ver foguete com posto telefônico? Perguntava-se. – Se for para alguma festa, algum aniversário ou casamento, por que usar o dinheiro público?

Trajano forçava o raciocínio, mas não encontrava explicação lógica. Travava um embate interior que o angustiava, pois é daqueles poucos que não admitem que as verbas públicas sejam utilizadas para fins particulares.

Mas os foguetes estavam na lista. Por escrito. E deveriam ser comprados. Soldado mandado não carrega culpa – justifica-se. Por que não comprá-los? Comprou-os. Haveria, porém de saber com exatidão o seu destino. Para quem estourarão? Não gostaria de sentir-se cúmplice dessa malversação do dinheiro nas repartições públicas que tanto enjoam o país. Haveria sim!

Tudo providenciado. Compras feitas e pagas. De volta a Sumaúma, portanto. De volta ao posto telefônico. Pacotes na mão, entrega-os à jovem telefonista, que se mostrara tão distinta e insuspeita. Esconderia ela atrás dessa personalidade, outra face completamente diferente? Como certificar-se disso? O que fazer?

Sufocava-o a incerteza. Não poderia ir-se com essa dúvida.

O jeito foi partir para o enfrentamento. De forma direta. Firme. Perguntou, então, a seco, o porquê de uma caixa de foguetes na relação de compras do posto; para que e para quem serviriam...

Caiu do cavalo. A resposta foi tão desconcertante como simples. Ainda bem. Foi alívio e gratificante aprendizado saber que foguetes eram usados para espantar as andorinhas que nos finais de tarde pousavam às centenas nas antenas de transmissão, no alto da torre, provocando interferências nas ligações.

AGOSTINHO NOLETO

Agostinho Noleto Soares nasceu em Carolina-Ma no dia 27 de março de 1943; mudou-se aos 17 anos para o Rio de Janeiro; em 1960, terminou o curso de Direito aos 24 anos. Em 1968 chega em Imperatriz como Procurador da Secretaria de Agricultura do Maranhão. Atuou na cidade como advogado durante muitos anos; escritor, cronista, professor e diretor de escolas; exerceu o jornalismo no Jornal *O Progresso*, atuando ainda como diretor e editorialista. Também participou politicamente em Imperatriz, sendo presidente de partidos políticos, candidatando-se e prefeito e deputado federal, levantando a bandeira da autonomia administrativa e política da Região Tocantina. É membro-fundador da AIL, cadeira 25. Na literatura, ofereceu contribuições em publicações como *Guerrilheiros sem rosto* (1995), *O velho Jaborandi* (2003) e *Kelbilim, o caçador de enganos* (2009).

O PORTAL DA AMAZÔNIA

Um dia desses, quando conversávamos num grupo de amigos a propósito do aniversário de 145 anos de Imperatriz e da necessidade de as cidades ostentarem um símbolo que as distingam das demais, muitas idéias e informações foram cruzadas. Alguém informou que o governador Siqueira Campos faz gestões para construir em Palmas uma réplica da Torre Eiffel, com a dupla finalidade de se aproveitar da força de um símbolo e tomar Paris como madrinha da novíssima

capital de seu estado. Se não tem história além de uma década, Palmas teria sua torre famosa e decantada em todo o mundo. Imperatriz poderia repetir sobre o rio Tocantins a silhueta da ponte de San Francisco, unindo o útil ao agradável e buscando parceria com a bela cidade americana.

Foi então que alguém lembrou de um estereótipo que Imperatriz carrega como estigma. Poderia inverter a expectativa como fazem os profissionais de *marketing* e destacar o aspecto cultural nascido na história das últimas quatro décadas de vertiginoso crescimento pós Belém-Brasília. Um boneco gigante de botas e frondoso chapéu, sobre pedestal, marcaria as horas de forma tão inusitada quanto insólita. Um braço mecânico flexionaria puxando uma pistola e daria tantos estampidos quantas fossem as horas na terra do frei. Gargalhadas à parte, a idéia do símbolo deve ser trabalhada e discutida por toda a população.

Não temos um símbolo, mas temos um título, um epíteto: O Portal da Amazônia. Nasceu em 1972 quando se mandou imprimir na gráfica do Ildon Marques um bônus para levantar recursos para campanha de qualificação de eleitores. O bônus dizia: "Seremos o maior reduto eleitoral do Maranhão. Com prestígio, nossas reivindicações serão ouvidas. "No rodapé daquele papel apareceu, pela primeira vez, "Imperatriz, O Portal da Amazônia".

A coisa pegou e daí para frente tudo tinha o *slogan* da moda. Às vezes, deturpavam a criação com um vulgar portão que muda a idéia, o sentido da frase, o alcance da referência amazônica. Não somos o portão, o tapume, o impedimento para a entrada na Amazônia. Somos, sim, o portal, a entrada, o pórtico, as colunas por onde se passa para adentrar à fabulosa hielia brasileira.

Portal é uma ideia-símbolo de fácil assimilação e representação. Um grande e majestoso arco estilizado, por exemplo, construído em aço e concreto sobre a rodovia Belém-Brasília, simbolizaria a energia pré-amazônica, perenizando a força criativa do povo que aqui, no Portal da Amazônia, edificou nesses cento e quarenta e cinco anos a maior metrópole do interior amazônico, uma grande civilização que, no futuro, com certeza, se lembrará, com orgulho, de seus pioneiros construtores.

OS PIONEIROS DE IMPERATRIZ

Sou de uma geração mais antiga reconhecida como **Pioneiros de Imperatriz**. Foi o que declarei para justificar o título honorífico de Cidadão Imperatrizense que recebi por outorga da Câmara Municipal.

Pioneiros são aqueles homens e mulheres que aqui chegaram, meio século atrás, logo após a construção da Rodovia BR-010, a tão conhecida Rodovia Belém-Brasília. Somos os que

permanecemos firmes no posto de agentes sociais, econômicos, culturais e políticos e não procuramos outras cidades para desfrutar de melhor qualidade de vida que oferecem.

Dito assim, percebe-se que excluo da categoria de “pioneiros” os naturais da antiga cidadezinha de Imperatriz, perdida nos confins das terras tocantinas, posteriormente descoberta pela abertura da Rodovia Belém-Brasília. Por que negar-lhes o título de pioneiros, se contribuíram da mesma forma com o desenvolvimento da cidade? Eu diria que a classificação de “pioneiros” é uma concessão aos que aqui chegaram, vindos de suas longínquas terras natais e não têm o privilégio de serem imperatrizenses. Não sei dizer se este é um bom argumento, mas foi o que me ocorreu.

Os **Pioneiros de Imperatriz** têm corresponsabilidade pela extraordinária transformação que a antiga Vila do Frei sofreu, com grande esforço de sua população, para se tornar na maior metrópole do interior da Amazônia. Os **Pioneiros de Imperatriz** dão testemunho da explosão de crescimento e desenvolvimento desta “capital” sul-maranhense.

Eis porque posso dizer, com orgulho dourado, que sou um dos **Cidadãos Pioneiros de Imperatriz**. Sensibilizado pela homenagem que recebi, estendo os efeitos do título de **Cidadão Imperatrizense** e, sei que os nobres vereadores não se opõem, mas, pelo contrário, aplaudem, a todos os homens e mulheres, pessoas simples ou afortunadas, daqueles anos de soerguimento desta grande cidade, que já passaram desta vida e não tiveram a oportunidade que eu tive de receber tão subida honra.

Poderia citar nomes de alguns nesta crônica. Não o faço para não incorrer certamente na omissão de tantos verdadeiros cidadão e cidadãs que chegaram ao fim de suas vidas operosas antes de receberem o galardão que recebi, em virtude de limitações naturais que a volumosa quantidade de pioneiros tornaria impossível à Câmara Municipal oferecer a todos eles tão justa homenagem.

Uso este espaço do site “Região Tocantina”, oportunamente criado pelo confrade Marcos Fábio, vice-reitor da UFMA, para saudar os **Pioneiros de Imperatriz**, vivos ou mortos, que ajudaram a erguer esta pujante cidade, que naqueles tempos, eu sugeri fosse cognominada de PORTAL DA AMAZÔNIA, título que devo usar em nova crônica.

Finalizando, peço desculpas pela referência ao título honorífico que recebi, que os leitores podem perfeitamente considerar um autoelogio. Os antigos diziam que “elogio em boca própria é vitupério”. Assumo o vitupério com humildade e desvanecimento e com a desculpa de que o usei para homenagear os pioneiros de Imperatriz que receberam o mesmo título e os que não o

receberam, mas, como eu, têm os mesmos 52 anos de ativa permanência nesta extraordinária cidade de Imperatriz. (*grifos do autor).

PATRONO: JOSÉ QUEIROZ

Os fundadores de nossa Academia esforçaram-se em apresentar à decisão de seus pares os mais ilustres nomes regionais de pessoas que em vida honraram as tradições de amor às letras, como patronos da nascente Academia. O nome de José Queiroz, patrono da cadeira 25 por mim ocupada, é um dos que mais dignificam a Academia. Era carolinense como outros sete patronos aprovados pelos fundadores.

Carolina, nas primeiras décadas deste século, talvez pelo fato de estar isolada do resto do país, desenvolveu uma elite intelectual que a sustentou na hegemonia regional. Antes, Grajaú, teve sua roda de amigos letrados que também a notabilizou. Depois, as revoluções sertanejas dizimaram essas florações intelectuais. Carolina, pacífica e progressista, soube aproveitar o desenvolvimento intelectual de sua elite pensante para consolidar o desenvolvimento social, econômico e político.

José Queiroz foi um desses homens iluminados de quem se servem as comunidades, civilizadas ou não, para alavancar os valores que contam numa sociedade. Foi um dos melhores instrumentos de crescimento intelectual e moral de toda uma região situada ao sul do Maranhão, cuja colonização se consolidou no início do Século XIX. Ninguém duvida que, sem eles, os idealistas puros e bem formados, a saga dos pioneiros conquistadores de terras em nada seria capaz, além de propiciar o auto-enriquecimento e a destruição das populações nativas.

José Queiroz foi mestre - essencialmente mestre - e também jornalista, etnólogo, político, pensador social, espiritualista, em suma, um agente ativo e eficiente das transformações sociais do sul do Maranhão pelo ideal, pelo trabalho, pela força do intelecto privilegiado e disciplinado na dedicação às letras, às artes, ao espírito.

Três gerações de carolinenses e de outras cidades da Região receberam não só as lições de seu velho professor, mas também as luzes de um espírito altivo e sonhador. Desde 1907 até praticamente à morte, em 1976, dedicou-se à educação. Em pequenas escolas primárias, depois no Instituto Renascença de nível secundário equiparado ao ensino federal tendo por modelo o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro. Em 1945 fundou o primeiro ginásio do sul do Maranhão, o Ginásio do Sertão Maranhense, onde eu e muitas gerações de carolinenses e jovens de toda a Região tivemos a oportunidade de continuar os estudos e ainda têm as novas gerações.

Em 1910 organizou em sua escola Almir Nina, um Gabinete de Leitura, lugar de troca de conhecimentos sobre as leituras recomendadas, precursor da Biblioteca Cândido Mendes, também por ele fundada em 1919, com mais de dois mil livros de cultura universal. De 1913 a 1932 fez circular o primeiro jornal impresso da Região. Era O Tocantins lido habitualmente em todo o Sertão.

Das suas obras sociais a de maior relevo foi a fundação do Rotary Clube de Carolina, em 1945. Ano passado os companheiros seguidores dos passos do grande idealista festejaram cinquenta anos de permanente trabalho em favor da comunidade carolinense. No início da década de 70, o professor Queiroz se hospedava em minha casa para visitar e doutrinar os rotarianos de Imperatriz no sentido de sua elevação ética e moral segundo os princípios de seu clube de serviço afilhado do clube irmão de Carolina. Era o mesmo incansável reformador social que eu conhecera quando criança. Naquele tempo eu percorria as ruas da cidade para em seu nome receber as contribuições financeiras dos rotarianos.

O inquieto José Queiroz acumulava também o espírito associativista em favor da cultura e das letras. Juntamente com mais nove companheiros, fundou em 1939 a Casa Humberto de Campos, sodalício semelhante à nossa Academia, da qual pertenciam cinco outros patronos atuais de nossa agremiação: João Nogueira Rego, Luzia Maranhão, Othon Maranhão, Rui Carvalho e Manoel de Souza Lima. Aquela Academia sertaneja de então cultivou as letras com o mesmo idealismo e amor que hoje nos empenhamos em Imperatriz.

O reconhecimento do valor daquela figura humana de tantos predicados bem cedo se faz sentir. Em sua cidade natal, um busto de bronze em frente a sua casa, na avenida Getúlio Vargas, eterniza sua memória. Em Imperatriz, uma rua da Vila Redenção tem o seu nome e uma escola municipal recém criada no Conjunto Nova Vitória leva o nome de Professor José Queiroz. Uma coletânea de sua produção literária, com 289 páginas, editada em 1994, uma revista comemorativa de seu centenário de nascimento comemorado em 1992, além de outras publicações que serão incorporadas ao acervo da biblioteca da Academia dão testemunho do vulto histórico que foi José Queiroz.

José Queiroz viveu à frente de sua época. Sofreu a solidão dos idealistas. Morreu pobre, digno e lúcido tal qual viveu. Os que tiveram o privilégio de conhecê-lo guardam dele recordações que o reconhecem como um dos homens mais brilhantes e íntegros que passaram por estas plagas sul maranhenses.

Que as novas gerações aprendam a cultivar sua memória.

CARLINHOS VELOZ

Carlinhos Veloz - Luiz Carlos Alves da Silva – nasceu às margens do rio Capibaribe, no Recife, em 1965; aos dois anos mudou-se para o Rio de Janeiro; em 1985 chega a Imperatriz; no Maranhão começa sua carreira solo como cantor e compositor, conquistando prêmios em grandes festivais de música da região tocantina. Em 1990 decide retornar ao Rio de Janeiro, onde prossegue sua carreira. Sem esquecer o povo tocantino. Em 1997, ao lado de grandes nomes da MPB, participa do projeto Pixinguinha, percorrendo várias capitais brasileiras. Em 2009 compõe letra e música de *Imperador Tocantins*, entrelaçando poeticamente o rio Tocantins à cidade de Imperatriz.

IMPERADOR TOCANTINS¹

Do lado daquela cidade existe um rio...

De eternidade, amores e barcas e barrancas e capins

Tucunaré, piau e o matagal que é sem igual

Riacho do cacau, a desaguar no tocantins

Toca essa água, toca essa mágoa

Toca e desagua, tocantins - bis

E quando é noite enluarada

A água toda prateada traz a meninada para o tocantins

E tudo então se faz canção as cordas de um violão

Nas mãos de um poeta lá no tocantins

Toca essa água, toca essa mágoa

Toca e desagua, tocantins - bis

E os nobres filhos da princesa

Frutos da mãe natureza cheios de beleza vão pro tocantins

A tarde cai e o sol se vai, ó deus do céu abençoi

O imperador da imperatriz do Tocantins

¹ Embora seja uma letra de música, na verdade se poderia corresponder a uma crônica. Com forte inclinação poética, a letra fala da beleza e majestade de um rio, cuja valor está para além de prover vida a uma cidade. Um rio que proporciona uma mística de difícil definição.

ERASMO DIBELL

Erasmu Dibell é cantor, compositor, violonista; é um dos artistas mais conhecidos no Maranhão desde a década de 1990. É natural de Carolina (MA). Suas composições já foram gravadas por inúmeros cantores Brasil afora. Em sua discografia, encontramos produções de grande sucesso com os álbuns *sarará* volume 1 e 2, *O amor é azul*, *Tudo de bom*. A letra e música intitulada *Minha Cidade*, interpretada por Carlinhos Veloz, é um verdadeiro convite ao um passeio pela cidade em tempos de outrora. Uma expressão poética da cidade de Imperatriz.

MINHA CIDADE²

Minha cidade engatinha
E mujuba de palavras sábias sofre
Vêde elias perdido num boi tão iô-iô
E tia merenda das tardes não veio
Sinhorinha das flores
Dos cem noivos meninos de rua
Da rua coronel manoel bandeira
Na praça do cine muiiraquitan
Amanhã tem tarzan
E antes a gente ouvia
Os jogos da copa no megafone
Da voz manarlene
As se si so sucessos sucessivamente
Sem cessar na língua do s
E vamos em frente atrás vem gente

² Da mesma forma que a letra de *Imperador Tocantins*, mesmo sendo letra de música, também se poderia corresponder a uma crônica. Há uma descrição poética da cidade em tempos de outrora. É o olhar do poeta a expressar poeticamente sua experiência na cidade de Imperatriz.

Com inveja da gente
Dizia o locutor de cá
Pros da voz iracema que não era o livro
E por falar em arte
Arte aqui ainda é cortar dedo num
Caco de vidro ou cair em um pé de
Goiabeira e quer queira ou não
O artista ainda é um elias
Uma senhorinha qualquer
E os loucos do povo não
Passam de santos de casa

EDELVIRA MARQUES

Edelvira Marques de Moraes Barros: nasceu em Imperatriz (Maranhão) em 27 de agosto de 1930. Foi professora, historiadora, pesquisadora, vereadora, com forte atuação no campo social, político e literário de Imperatriz e região, na segunda metade do século XX. Não foi cronista propriamente, todavia tornou-se conhecida sobretudo com a obra lançada em 1972, intitulada “Eu, Imperatriz”, a qual se equipara em certos aspectos a uma grande crônica, contando a história da cidade. O livro foi escrito na primeira pessoa do singular, dando voz à própria cidade, como uma autobiografia. Uma obra que traz referências importantes de nossa cidade e de nossa cultura local. Ofereceu uma grande contribuição à educação, história e cultura locais, sendo considerada à época, a maior conhecedora da história de Imperatriz. Faleceu em 2007 aos 77 anos.

A CHEGADA DOS BRANCOS

Tardezinha.

O sol, qual um disco de ouro, sumia no horizonte refletindo-se nas águas mansas do rio.

Grupos de índios banhavam-se despreocupados.

De repente, silêncio!... Atônitos, eles viram canoas subindo o rio. Eram canoas diferentes, tripuladas por gente desconhecida.

Correram, esconderam-se.

Chegava Frei Manoel Procópio do Coração de Maria e com ele dois cidadãos com suas respectivas famílias. Eram eles: Juvenal Simões de Abreu e Zacarias Fernandes da Silva. Para guarnecê-los, trouxeram quatro soldados.

Sua missão era fundar uma povoação em território paraense, bem próximo dos limites com a província do Maranhão, onde houvesse índios a catequizar.

MEU ENCONTRO COM FREI MANOEL PROCÓPIO

Os brancos dormiram nas canoas. O dia amanheceu brumoso, o rio encoberto pela cerração. O sol, elevando-se, dissipou as névoas e dentro em pouco tudo era claridade.

Então o padre subiu o barraco, foi às aldeias; viu os olhos d'água, o campo e a mata.

Gostou. Acreditava-se em terras paraenses, e tudo mais enquadrava-se nos planos do seu chefe, conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, o então presidente da província do Pará.

Era dia 16 de julho de 1852.

Resolveu ficar. Procurou contatos com os índios. Fez trocas, deu presentes. Os selvagens não reagiram.

NOVA VIDA³

Frei Manoel Procópio era devoto de Santa Teresa d'Ávila e trouxera consigo uma imagem da santa.

Dedicou a ela uma capelinha nas imediações da atual Casa de Saúde São Vicente de Ferrer.

Era uma construção rústica, coberta de palha, como rústicas eram as moradias dos pioneiros que se agrupavam em volta dela.

Houve missa e consagração da nova terra à Virgem D'Ávila . Em sua homenagem, recebi a denominação de povoação de Santa Teresa!

O padre tratou logo da catequese dos índios, deu início à lavoura e à abertura de estradas e de outros pequenos melhoramentos.

Para mim, nova vida começava. (EDELVIRA MARQUES, 2012. p. 30)

³ Estas três crônicas de Edelvira Marques, quais sejam: *A Chegada dos brancos*, *Meu encontro com Frei Manoel Procópio* e *Nova vida*, poderiam ser consideradas uma construção única, em forma de uma trilogia. A primeira crônica, trazendo o primeiro movimento da gênese do que viria a ser a cidade de Imperatriz; a segunda crônica trazendo o marco histórico da chegada da comitiva do Frei Manoel Procópio e as primeiras impressões; a terceira crônica, apontando as primeiras ações empreendidas.

EDIMILSON SANCHES

Edmilson Sanches nasceu em Caxias-Ma. É jornalista, escritor poeta, cronista, professor e consultor. Chegou em Imperatriz na década de 1970, todavia, por questões de trabalho e estudo, residiu também em Fortaleza, Brasília e São Paulo. Tem dado importante parcela de contribuição na Imprensa imperatrizense e região tocantina, publicando os mais diversos artigos; foi diretor da sucursal do Jornal *O Imparcial (Diários Associados)*; foi diretor da Facimp e da Associação Comercial e Industrial de Imperatriz. também tem atuado como defensor do desenvolvimento cultural, econômico e sociocomunitário da cidade. É membro-fundador da AIL. É autor de diversos livros nas áreas de administração, comunicação, desenvolvimento regional, história e literatura.

Crônica: IMPERATRIZ, MAJESTADE

Sua majestade, Imperatriz. Flor da Amazônia, vitória-régia. Grande incultivada e bela.

Imperatriz. Cidade de antônimos. Pólo de concentração e dispersão. De importação e exportação. Imigração e emigração. Desejo e decepção.

Imperatriz anfíbia: Nordeste e Amazônia. Sol e água. Seca e selva. Areia e relva. Sofá e sela. Porta e porteira. Pórtico e cancela. Mansão e palhoça. Carro e carroça. Asfalto e roça.

Misto de trabalho e desemprego, de produção e carência, de oferta e procura, desperdício e fartura, resultado de seus contrários, pastel de paradoxos, Imperatriz é o retrato ampliado de nossos acertos e imperfeições, virtudes e incompletudes.

Uma *São Paulo* no interior do Maranhão, todos nós brasileiros temos algo a ver com esta cidade – Imperatriz Majestade.

Crônica: RIO TOCANTINS (1)

Rio Tocantins... Personagem maior.

Foi por ele, foi com ele e foi nele que tudo começou. “Tudo”, aqui é Imperatriz.

O registro de nascimento de Imperatriz não foi grafado a tinta – foi escrito com água. O Tocantins é a grande pio batismal onde a cidade, ontem fez sua iniciação e hoje, tenta a purificação... salvação... redenção...

O rio Tocantins trouxe, há 156 anos, os fundadores da cidade. Ajudou a fazer a cidade. Ajudou a fazer história. Um rio que só é velho porque se renova.

Desde 1852 o Tocantins foi um rio que passou – e continua – em nossa vida. Líquido e certo.

Um rio que é permanente porque é passageiro.

Transitoriamente eterno.

Crônica: **RIO TOCANTINS (2)**

Entre dois Estados há um rio. Um rio rico – traz fartura. Um rio às vezes brabo – traz agrura. Um rio único e várias, como o são todos os rios. Separa terras, une gentes, leva coisas, banha corpos, lava a alma. Um rio com um toque especial: Toc Toc Tocantins.

Estamos na Pré-Amazônia. “O rio Tocantins é o elemento de maior relevo – na geografia e em nossos corações”.

Durante todo o dia, raios de sol tocam o Tocantins. São dedos cálidos penetrando a intimidade receptiva e envolvente das águas. Sol e água. Fértil encontro de contrários. Homem, mulher.

Encontros muitos. Encontros marcados. À tardinha, após tantas horas de luz e calor, o sol, cansado mergulha n'água – imersão total – e, sem forças, afoga-se nela, para depois renascer, fortalecido, anunciando o dia seguinte. Que vem envolto em halo, aura, auréola, aurora.

O sol nasce e (re) pousa no Tocantins.

ELSON ARAÚJO

Elson Araújo é comunicador social desde 1988, escritor, cronista, jornalista, radialista, assessor parlamentar, colunista literário do Jornal *O Progresso*. É membro da AIL. É graduado em Direito pela Unisulma - Unidade de Ensino Superior do Maranhão e em Pedagogia pela UEMA - Universidade Estadual do Maranhão. Mantém desde 2007 o Blog spot *Solidão das Letras*, onde possui diversas publicações. Seu mais recente trabalho foi o seu primeiro livro de crônicas e contos, intitulado *Universo aberto*.

Crônica: **ABSTRAÇÃO**

A arte é um elemento essencial para a liberdade humana. Não importa qual ela seja. Nem precisa entendê-la, é só se entregar, começar a viver e a transformar vidas.

Sempre gostei de ressaltar o lado bom da cidade. Parto da premissa de que para mostrar algo ruim já tem muita gente, E de que o todo não é de todo ruim. Seja por meio de fotografias do cotidiano, de personagens visíveis e invisíveis, textos curtos e longos, Imperatriz tem sempre algo que, por si, merece ser destacado. Acredito que, no meio do pandemônio em que se transformou a sociedade, o que chamo de pílulas de abstrações, contribui para um ser humano enfrente melhor este mundo cão.

Abstração é um termo, usualmente apropriado pela filosofia, definido como uma operação intelectual em que o objeto de reflexão é isolado de fatores que comumente lhe estão relacionados na realidade. Não se trata aqui, é preciso dizer, de defender a fuga da realidade e viver num eterno mundo de contemplação ou fantasias, mas de um quê necessário para que alimentemos os sentimentos que nos fazem humanos.

Se um só indivíduo confessar sentir-se bem com uma dessas pílulas, a missão já estará cumprida por parte de quem teve a graça de disseminadas. O bom é que tem milhares de pessoas fazendo isso. Um, salve triplo para essas pílulas, que não são da felicidade, mas que são importantes para alimentar um pouco de humanidade, ainda em nós presente.

Assim, considerando que a cidade somos todos nós, portanto um “organismo vivo”, o concreto e o aço, às vezes temperados pela frieza das pessoas, tendem a, agradavelmente, ser aquecidos por elas, que estão por aí, disfarçadas de poesia, romance, novela, crônica, fotografia, música, cinema, artesanato, dança, pintura, palestras, sermões e até na meditação, afinal, “tudo vale a pena quando a intenção é diminuir o impacto da desumanização crescente nas pessoas, fenômeno de alto teor destrutivo que, quando não mata, embrutece.

Certamente o rol dessas pílulas não é taxativo. Elas também são encontradas nos esportes, nas relações intra e interpessoais, no contato com a natureza e com os animais e nos livros que lemos.

Em síntese, as saudáveis pílulas de abstração decorrem da sagrada capacidade do ser humano de se expressar e se comunicar. Considera esse dom humano o caminho mais fácil para a libertação das inquietações da alma, uma vez que tornar visível o invisível ajuda a amortecer as angústias. Faz bem chorar, orar, cantar, dançar e ler, escrever, compor, declamar, pintar.

Crônica: **AS VOZES DO SILÊNCIO, NO APAGÃO**

Há verbo no silêncio! Quer uma prova disso? O apagão da última terça-feira. 15, que por umas seis horas consecutivas afetou, segundo operador nacional do sistema (NOS) 29 milhões de

domicílios em todas as regiões do país. É que com o país, parcialmente silenciado pela falta de energia elétrica, o silêncio pode se mostrar, e demonstrar o quanto é poderoso, e com isso dizer muita coisa. O silêncio, para mim é loquaz.

Esqueçamos, por alguns instantes, os prejuízos e os desconfortos, principalmente a parte que coube ao blecaute nas redes sociais. Foram as primeiras a caírem em silêncio. Nesse particular, a queda no sistema elétrico, não me afetou muito. Além do mais, achei foi bom, porque me rendeu o texto de hoje. Desacelerei, e acabei ganhando! Mas, nem todo mundo é igual e, sem rede, muita gente sofreu com a crise de abstinência. “Isso a Globo não mostrou”.

Perceberam como até as buzinas dos carros pararam de zoar? O motivo não é difícil explicar. Com as autoridades laborais, esmagadoramente, dependente da energia elétrica, muitos obreiros ficaram em casa e outros retomaram para sua casa. Consequência disso: economia de combustível e menos buzinas nos atormentando, mais silêncio.

Sem os acústicos do WhatsApp, como já se sabe, o sistema de telefonia também foi afetado e tirou as redes sociais do ar; sem o vibrar, audível das geladeiras, sem o som, dos aparelhos de rádio E TV, das fábricas e indústrias, o silêncio foi rei por alguns adoráveis, pelo menos para mim, horas. Com isso, proporcionou momentos raríssimos entre os sapiens das regiões afetadas pelo apagão, como mencionado, todas.

O silêncio temporário proporcionou até o milagre do reencontro de pessoas que, mesmo debaixo do mesmo teto, não se viu há muito tempo. Santo silêncio!

O apagão de terça-feira demonstrou como o silêncio é importante para a vida dos humanos. A começar pelo fato de o fenômeno forçar uma desaceleração das coisas, e também das pessoas. O período agudo da pandemia do coronavírus já havia comprovado isso. O mundo, naqueles tempos, mesmo com eletricidade, ficou mais silencioso com os homens e mulheres recolhidos em seus lares. O mundo desacelerou. O sussurro dos ventos ficou mais perceptível, o respirar ficou melhor, e até as águas dos oceanos ficaram mais leves e limpas.

É bom viver no silêncio, mesmo em situações forçadas. Como foi o apagão de terça-feira. Quando o silêncio reina é possível, não só ouvir as batidas do coração da gente, mas perceber a abertura para aquela adiada conversa conosco. Penso, vivo isso às vezes, que uma conversa com a gente é saudável, e reforça o nosso lado humano. Poderoso é o silêncio!

É de se concluir, em um mundo cada vez mais barulhento, a importância do silêncio para o equilíbrio das coisas. O silêncio nos permite, entre outras coisas, ouvir a própria voz, pensar em nossos pensamentos, sentir nossas emoções e nos conectar com a nossa espiritualidade. O

silêncio também nos ajuda a relaxar, a reduzir o estresse e a melhorar a nossa saúde mental. Silenciar é nos permitir uma conexão com o presente, e no mínimo, a possibilidade para apreciar as pequenas coisas da vida. Sem falar que é do diálogo com o silêncio que se forma um ser humano mais criativo, e de onde brotam novas ideias. Até o próximo, apagão!

Crônica: É CHEGADO O TEMPO DELES

Com a chegada do verão tocantino, embalado pelo frescor dos ventos gerais, o céu limpo, o Céu azul e o brilho diferente do Sol, o humor das pessoas neste lado do Brasil termina alternado alterado para melhor. Percebe-se até que o povo de cá fica mais bonito. Pode prestar atenção! Nesta toada não se demora muito para que essa alteração abra espaço para o fenômeno de encher os olhos, comum também em alguns dos biomas do País a florada dos ipês.

Creio que não há um brasileiro que na época da florada não pare, torça o pescoço, ou levante a vista para admirar o ipê e suas variedades. Por aqui nos deparamos com amarelo, o roxo, o branco e o rosa, mas a ciência já identificou mais de 74 espécies, todas de uma beleza hipnótica. Nada contra as árvores da nossa flora, mas respeitem o ipê.

Uma curiosidade sobre essa bela e poderosa árvore remonta do ano de 1978. Naquele ano, a lei federal 6.507 oficializou a flor do ipê como a flor nacional do Brasil. Por tudo que ela representa, o título é mais do que merecido.

O ipê, que tem ainda apelidos como *pau-d'arco*, *peúva*, *ipeúna* e *paratudo*, é bonito, mesmo quando a mamãe natureza lhe impõe a queda das folhas. É quando ele, com os galhos no formato de mãos, em oração, se volta para o Céu. Talvez em agradecimento pela última, ou a clamar pela graça da próxima florada.

Especialistas no assunto garantem que a queda das folhas, quando natural, é uma estratégia que a planta desenvolveu para economizar energia, ao passo que a explosão das flores tem um significado mais forte. A planta se apressa em espalhar, via flores, suas sementes. Neste particular, conta com a ajuda do vento, dos pássaros e dos insetos. É toda uma mecânica posta em prática pela natureza, com o objetivo da árvore de perpetuar, gerar novos ipêzinhos. Tudo isso a ciência já comprovou.

O ipê também não fica menos bonito quando o Império é o das folhas. Nesta fase, não importa as cores das flores futuras, o verde é a cor comum dominante. Não há distinção. São todos iguais.

Além da beleza, muito impressiona a resistência dessa árvore, cuja casca também é usada

para fins medicinais. Entendidos no assunto garantem que a casca ajuda no tratamento de diversas doenças. As flores, além de belas, em algumas regiões do Brasil são utilizadas na alimentação, cruas ou cozidas. É ou não é uma bela e surpreendente dinâmica da natureza? A luta para se manter vivo também é uma realidade no fantástico reino vegetal. Viva o ipê, madeira de lei.

Crônica: ESCASSEZ DE RECIPROCIDADE

Os filhos de Imperatriz são aqueles cujo natalício ocorreu aqui. Mas a cidade também tem seus filhos adotivos. Aqueles de outras regiões do Brasil e do exterior que escolheram a cidade para fazer morada, construir família, empreender e progredir na vida. A cidade, ao longo dos anos, tem sido uma grande e acolhedora mãe que hoje abriga filhos naturais ou adotivos, de toda natureza.

A regra é que um filho, ou um pai, ou uma mãe, se amem mutuamente, numa relação de reciprocidade, com cada um zelando um com o outro, e juntos, cidade e cidadão, a contribuir com o crescimento e desenvolvimento de cada um. É lamentável em que hoje sintam-se em Imperatriz a prevalência de uma acentuada escassez de reciprocidade com reflexos negativos em todo o organismo citadino.

O que conhecemos como infraestrutura é o mais sentido, mas outros setores também são atingidos. Podemos, por exemplo, num futuro não muito distante, sofrer falta de água potável se não houver uma intervenção no cuidado com a fonte que nos abastece. Já são anos de maus tratos. Falo do Rio Tocantins. Os riachos (afluentes) que ali desaguam, se transformaram em valas de esgoto e já estão praticamente mortos. Para lá também o acorrem, os efluxos humanos e não humanos, sem qualquer tratamento. Ruim para a saúde do rio e da população, trágico para as gerações futuras.

Sempre faça essa pergunta: será que ainda tem jeito? Será que não daria para diminuir os impactos disso tudo, e pelo menos retardar o que pode ser considerado, pelo quadro de hoje, uma tragédia anunciada, que será a falta de água potável? Acredito que já haja tecnologia para isso, mas nenhum setor se manifesta. Na questão ambiental também estamos à deriva.

Aí vem a coleta deficitária do lixo, que se agrava com a falta de consciência ambiental e de que gera os resíduos, acondicionado de qualquer maneira; e muitas vezes nem isso. Veja como amanhece todas as manhãs nosso principal cartão postal, a Beira-Rio! E como nosso rio, a cada dia, se transforma num depósito de lixo. É de fazer dó.

Até hoje o aterro sanitário da cidade não foi concluído. O lixo hoje é fonte de energia e de

riqueza, quando seletivamente recolhido, mas pode se tornar um caso de saúde pública se não for adequadamente recolhido e acondicionado, de igual modo.

É patente que essa escassez de reciprocidade não é só em relação à cidade cidadão, mas também entre o poder público e a cidade. Certo é que o cidadão precisa fazer sua parte, e nesse aspecto todos sabem o que não deve ser feito, mas a maior parcela da responsabilidade é do executor do contrato social, no caso o ente público, que recebe nossos impostos para devolvê-los na forma de serviços públicos, e não faz como deveria. A via não tem sido de mão dupla.

É de se questionar! O que adianta uma cidade com uma geografia privilegiada, construída por brasileiros de várias partes do Brasil e do mundo, com um rio maravilhoso, o segundo maior rio genuinamente brasileiro, uma cidade que obedece a direitinho o regime de chuvas, que abriga a maior fábrica de celulose do mundo, com inúmeros cursos de graduação, incluindo três de medicina, sendo dois públicos, e um comércio forte, se a mesma não recebe os cuidados necessários para se desenvolver?

Sou até muito otimista, mas pelos problemas não enfrentados e que só se acumulam, a cidade corre o risco de sofrer um processo contínuo de involução, e ferir de morte as gerações futuras. Tal qual uma empresa, uma cidade mal conduzida por sua gente vai falir.

Avalio que o quadro é de natureza grave, e que é necessário que a cidade reaja sob pena do comprometimento do futuro da cidade. É preciso que se pense, se projete e se articule um futuro menos sombrio para Imperatriz com o objetivo de, pelo menos, a gente se aproximar da cidade, na qual verdadeiramente queremos morar e deixar de herança para os outros que virão.

Crônica: **O SIMPLES E O COMPLEXO**

O texto de hoje pode ser considerado a continuação do anterior, “Abstração”, publicado na semana passada. Ocorre que quando a gente entra num processo consciente de abstração, inevitavelmente, no retorno, os sentidos ficam levemente mais aguçados, e a gente passa a observar melhor o mundo ao redor. Até as pequenas e “invisíveis coisas” ficam mais perceptíveis. Sou prova e testemunha disso.

Faço caminhada com regularidade, e na cidade não vejo um lugar melhor para este exercício do que a Beira Rio, principalmente cedinho da manhã. Considero o local mais do que uma grande praça pública, mas o bem-posto “observatório biopsicossocial”. Não sei se o termo é adequado, contudo é a melhor forma que encontro no momento para descrever um local onde é possível a gente se concentrar no movimento e no comportamento das vidas que eles se entrecruzam, e sair dali com algum tipo de aprendizado.

As ariscas, tracajás, que vez por outra põem a cabeça de fora da água da lagoa para pegar sol, os dóceis galos-de-campina. a briga dos pardais e bem-te-vis, o mergulho das curicacas na lagoa em busca de comida; o rasante das pipiras, a despedida da lua, depois de iluminar a noite e a madrugada, o observador, o observador solitário do alvorecer, os policiais madrugadores, na última ronda do plantão, a ancoragem da balsa com trabalhadores apressados, os ébrios e drogados num sono profundo na concha acústica eleita como seu teto. E tem ainda as montanhas de lixo deixadas por notívagos e não notívagos mal-educados. São muitos os estímulos sensoriais à disposição dos solitários e coletivos caminhantes.

Na minha rotina de caminhadas ali naquele espaço já faço seis quilômetros em uma hora e seis segundos, entre uma observação e outra, consegui isolar algumas cenas que reputo capazes de nos “ensinar” alguma coisa. Vamos a elas: todo dia cedo da manhã, ela percorre cerca de quilômetros até chegar à nossa Beira-Rio. Carrega, sempre, duas ou três sacolas de víveres. De longe, observa-se sua primeira estação ao pé de uma árvore, na beira da lagoa. Ali, abre a primeira sacola e cuidadosamente, despeja o conteúdo numa pequena laje onde, em questão de segundos, ajuntam-se dezenas de pássaros, de pelo menos três espécies. Primeira parte da missão cumprida, a passos lentos, porém firmes, ela segue para a segunda estação.

No outro extremo da avenida, no lado da Academia da Saúde, um inquieto cidadão, em situação de rua, com o prenome de cantor de sucesso dos anos 1980, aguarda ansioso pela chegada da sua benfeitora. O Giliardi da Beira Rio não canta nada, mas sorri quando aquela mulher chega a acontecer o café da manhã. Dia desses ele me disse que fica triste quando, por um motivo ou outro, ela não aparece. É porque, disse ele, é ruim ficar sem o cafezinho com leite e o pão, que já acostumou receber dela todos os dias.

Aparentemente com problemas mentais, o Giliard não nega a dizer o nome, mas não gosta quando as pessoas perguntam sobre sua família. Ele fez do canto da Academia da Saúde, sua morada. Passo o dia todo ali, olhando para o nada. Só se movimenta quando alguém, como sua benfeitora de todas as manhãs, aparece espontaneamente com algum tipo de auxílio. É dessa forma que ele vai tocando a vida, olhando para o nada, vendo o tempo passar.

Praticamente mesmo horário, um homem de meia idade surge na avenida numa bicicleta, dessas caras de fazer trilha. Capacete, óculos escuros, carrega na mão um saco, desses do supermercado. Estaciona, desce do pequeno veículo, e se dirige até um gato, preto e branco; que assim como já mencionados passarinhos e um homem em situação de rua, parece que já estava aguardando o seu benfeitor. O animal timidamente sai do mato para receber a primeira ração do dia. Está machucado e manca de uma pata. Incontáveis vezes já testemunhei tal sena. Dali, o

ciclista se dirige até outro canto da Beira Rio para encontrar outro gato de rua, também para alimentá-lo. Só depois disso, retorna a sua atividade.

No extremo oposto ao homem da bicicleta, um rapaz, que se identifica como Mauro Vanderlei, passeia com dois cães já idosos. Os animais pertencem ao “Seu Olímpio Bandeira” um amado pescador da cidade, a quem ele tinha como pai e quem moveu te Covid, no ano passado. Recebeu como herança o encargo de cuidar daqueles animais, tarefa que ele parece fazer contente e satisfeito, uma vez que a faz sempre com um sorriso que lhe toma toda a face.

Não demora muito outra cena de todos os dias. Ainda antes das oito horas da manhã, um morador do Bairro da União, aparece com um balde na mão. Com cuidado para não escorregar, ele desce até a margem da lagoa, enche o recipiente e logo em seguida começa a aguar as plantas. Sem assistência oficial, ele sabe que tais cuidados, neste período do ano, são necessários para que as bichinhas não morram.

Há outras, muitas outras cenas diárias, dignas de registros, ali naquele imenso observatório, mas estas, há dias, despertaram minha atenção e por isso, pela simplicidade, ao mesmo tempo complexidade, achei importante imortalizá-las no texto de hoje pelos ensinamentos que podem ser atendidos, e ainda pela perceptível positividade da troca energética havida entre os atores envolvidos. Desta troca todos ganham, até mesmo aquele simples observador.

Crônica: **UM ENCANTO DE REGIÃO**

Não canso de dizer que, entre os meses de maio e julho, formam-se o período mais bonito do ano no lado de cá desse imenso Brasil. O sol forte, o céu azul e os ventos gerais se impõem, e influenciam positivamente o comportamento das pessoas, a ambiência social, e o milagre acontece. Tudo, e todos ficam mais bonitos. Nem a pandemia do coronavírus conseguiu mudar isto.

Eis o milagre: emoldurado pelo azul do Céu, o sol brilha mais o vento venta mais. As pessoas ficam iluminadas, e até mais atraentes. Todos recebem do criador um banho natural de beleza, apresentando-se mais felizes, mais animadas. É o sentimento que se extrai a partir de Imperatriz, o “portal mágico do verão” da região tocantina, temporada aberta até o mês de outubro.

Em Imperatriz o pôr do sol ganha um colorido, uma magia, uma moldura diferenciada por

conta do rio Tocantins. Quem para um pouquinho para presenciar o fenômeno, não esquece jamais e imediatamente pensa: “Deus existe, e mora aqui”.

Nesta época do ano, abre-se espaço para a temporada de praias. Além das nossas tradicionais Cacau, do Meio e do Amor, subindo ou descendo o Rio Tocantins, são dezenas à disposição dos corpos e almas que queiram refestelar-se beijadas e amadas pelo sol e pelo vento, sem falar nas das cidades do irmão, Estado do Tocantins.

Teimoso, outra característica do povo da região, duvido que impeça alguém de chegar até elas por causa do vírus maldito. Um prefeito de uma cidade do Estado vizinho, numa declaração irresponsável e criminosa, chegou até a dizer, semana passada, que não iria adotar nenhuma medida de restrição, e sentenciou: “quem quiser morrer, que morra!”

Certamente não teremos neste 2021 as famosas vaquejadas, as exposições agropecuárias e os grandes shows sertanejos e de forró, tradicionais por aqui em tempos normais, mas as praias “chegaram chegando”, é da natureza do período.

Vaquejadas, exposições, praias, são eventos regionais que mostram a alegria de nossa gente. O povo da região tocantina é o mais bonito e alegre do Maranhão, e talvez o que menos reclama da vida. Esta característica fica evidenciada nas conversas nos bares, filas da loteria, nas igrejas, praças, enfim, em todo lugar.

Para quem mora por essas bandas do Maranhão, por já se tratar de algo incorporado ao dia a dia, talvez não chame mais tanta a atenção, essas peculiaridades de nossa Terra.

O maior patrimônio da região, não resta dúvida, é a nossa gente, mas vale a pena falar, cantar, escrever sobre as nossas festas e as nossas belezas naturais. Não temos o mar, mas temos rios, lagos, lagoas, cachoeiras, morros, colinas e montanhas e um pôr do sol e uma lua, lindos de viver.

GILMAR PEREIRA

Gilmar Pereira: escritor, contista, cronista, graduado em Letras, é membro da AIL. Atuante na discussão e produção literária, ajuda na fundação do GRULI (Grupo Literário de Imperatriz). Ganhou notoriedade quando de sua participação no projeto *Arte & Cidadania nas Escolas*, promovido pela Fundação Cultural em 2016; conquistou o prêmio de melhor livro de poesia da região Tocantina com a obra *Os Frutos da Poesia*, de 1988; recebeu o prêmio Gonçalves Dias de Literatura Infanto-juvenil, pela obra *O camaleão que queria ser gente e outras fábulas* (2009), concedido pela Secretaria de Estado da Cultura – SECMA; recebeu em 2013 o Prêmio Literário

concedido anualmente pela Prefeitura com o livro *Bem perto é muito longe*.

Crônica: **CIÚME PUERIL**

Rotina. O menino vai ao encontro do pai no portão de entrada de casa. Como de costume, abraça-o. Beija-o. Mas, naquele dia, insolitamente, olha para ver se não tem ninguém por perto e fala baixinho no ouvido do velho:

- Papai, a mamãe foi beijada por um homem.

O pai coloca o filho no chão. Agacha-se para ficar na sua altura. Pede para que ele repita o que acabara de ouvir:

- Sim, papai, a mamãe foi beijada por um homem.

A princípio imagina que o filho está compactuando com a mãe; ela costuma aprontar gozações. Mas o menino olha novamente ao seu redor como que desconfiado e repete com muita convicção:

- Pois é papai, a mamãe foi beijada por um homem.

Naquele momento o velho pensa em voltar. Ir ao encontro dos amigos. Quem sabe tomar umas; para esquecer o ocorrido. Mas naquele mesmo pensamento está o seu lado machista, que o empurra para dentro de casa. O pau irá quebrar lá dentro. Imagina que seria um jovem bonito. Um tipo galã. Conquistador. Ou mais:

- Será um jogador de futebol?

Criara aquela segunda suposição porque a mulher, além de novela, gosta de futebol. As interrogações vão atropelando as hipóteses em um furacão sem tamanho:

- Será alguém mais rico que eu?

Ao entrar na sala, vem-lhe uma vontade descomunal de ir direto ao banheiro, mas seu ego é mais forte e lhe vem à mente:

- Para quê? Para chorar desoladamente?

Com certeza o pau irá quebrar naquela casa. Por fim, resolve averiguar friamente. Enquanto o tempo passa, as palavras do filho ecoam em sua cabeça:

- Pois é papai, a mamãe foi beijada por um homem.

Depois do almoço, a mulher corre para a televisão. O menino, entre os dois, olha desconfiado, como se sentisse culpado de tudo. O velho não arisca uma única palavra com a mulher, apenas se refugia em suas interrogações:

- Quem será este homem?

Não tem dúvida. O pau irá quebrar naquela casa. Machista como é. Os três ali diante da televisão. O velho inquieto. A mulher sossegada. O menino, como se vigiasse os dois, não arreda o pé da sala. Vez por outra o velho olha de soslaio para a mulher, talvez com ciúme ou saudade.

Quando na televisão passa um comercial. O menino se levanta. O garotinho propaganda no final, para agradecer, manda um beijo para todas as donas-de-casa. O menino vira para o pai e fala:

- Olha aí papai, beijou novamente!

A mãe sorri. O velho apenas suspira. Naquela noite todos dormiram tranquilos.

Crônica: **AJUDA EM HORA ERRADA**

Incidente. Descompromissado passeia pelas ruas com seu carro popular. Ruas movimentadas. Ruas desertas. Lá mais na frente, em outra, percebe um pequeno aglomerado de pessoas.

- Acidente.

Imagina logo. Se aproxima cautelosamente.

- O que aconteceu aqui?

Pergunta a um menino que se encontra no local. O menino como se não ouvisse nada, nada responde.

Se aproxima mais ainda no intuito de saber do ocorrido. Rompendo o pequeno aglomerado, percebe uma garota tentando arrumar a bicicleta que se encontra com uma das calhas empenada, e o guidom na mesma condição. Percebe também que ninguém ousa se aproximar para ajudá-la. A garota meio desorientada, dá menção de que precisa de ajuda. Sem perder tempo ele se oferece. Mais que depressa arruma um copo d'água:

- Está ferida?

Ela dá uma olhada meio desordenada e responde sem firmeza:

- Acho que não!

Ele, de imediato, um pouco agressivo. Um pouco nervoso. Pega a bicicleta, coloca-a na calçada. Arruma provisoriamente o guidom. Mas infelizmente a calha traseira não é possível arrumá-la:

- Temos que levá-la para uma oficina mais próxima!

Ela sem perder tempo, categoricamente aceita a ajuda:

- É bom que seja logo!

No mesmo instante o pequeno aglomerado de transeuntes começa a se dispersar. Ele em seu mais generoso lado humano, verifica a situação da garota:

- Tem certeza de que não é necessário ir a um hospital?

Indecisa a garota responde:

- Acho que não é preciso.

Vai até ao seu automóvel. Abre o porta-malas, pega a bicicleta e coloca-a desajeitadamente dentro, com a pretensão de ajudar a levá-la até a uma oficina onde poderá dispor de uma mão de obra qualificada.

Antes que o pequeno aglomerado se extingue, e antes de abrir a porta do carro para ela, ousa a fazer outra pergunta para melhor conduzir-se:

- Me diga, minha filha o que aconteceu?

Com o olhar desnordeado, e com todo jeito que ele já tinha consciência do ocorrido, responde:

- Ora, não foi uma imprensada na calçada?

Sem se conter adianta mais:

- Deu para perceber quem foi?

Mais desorientada que antes, ela responde:

- Ora! Vem cá, e não foi o senhor!

Naquele momento infelizmente o pequeno aglomerado de transeuntes já tinha se extinguido por completo.

Crônica: **PENSANDO NA IDEIA DE LIVALDO FREGONA**

Insistência. Aborrecido atende o telefone. Parara no segundo capítulo do seu décimo segundo livro. Um romance desta vez. Do outro lado da linha:

- Gostaria de saber do senhor como fazer para ser escritor?

À primeira vista percebe que o assunto é bastante infantil:

- Olhe, em primeiro plano é preciso ter talento. Conhecimento. Inspiração...

- O senhor já nasceu com talento, conhecimento e inspiração?

Embaraça-se com a resposta:

- Bem em todo caso é preciso muita dedicação.

Depois de dez minutos ao telefone a pessoa insiste ainda na última pergunta:

- Como fazer para não sentir sono ao escrever?

- É estranho. Não é meu caso. Mas não é bom passar sono. O certo mesmo é dormir quando necessário.

Dois dias depois. O telefone toca no mesmo horário. Insiste. Só resta atender. Torce para que não seja a mesma pessoa. "Torcido e perdido". É a mesma pessoa. Desta vez querendo uma solução. Como se o escritor já fizesse parte de sua própria história:

- Olhe, quando início a escrita me dá um sono tremendo!

O escritor:

- Pois durma, minha filha!

- E quem é que vai escrever por mim?

Já um pouco aborrecido por ter parado no oitavo capítulo de seu livro, resolve partir para uma decisão fútil:

- Se você quer ser uma escritora ou quer escrever alguma coisa, faça o que for melhor!

Do outro lado:

- Tive uma ideia.

- Pois então.

- Quando estou comendo, não sinto sono!

O escritor:

- Taí uma boa ideia, escreva sempre comendo alguma coisa.

Oito meses depois. O escritor totalmente aliviado como se tivesse parido uma porco-espino adulto, dá os últimos retoques nos capítulos do romance. Quando o telefone toca:

- Alô?

- Alô!

- O senhor se lembra de mim?

Ele busca na memória. A realidade mistura-se com a sua última ficção:

- Não!

Do outro lado insiste:

- Sou aquela garota que tempo atrás lhe pediu conselho sobre como escrever um livro.

- Ah! agora me lembro. Você conseguiu escrever seu livro?

A voz um pouco grossa:

- Escrever, escrever não, mas quero lhe dizer que estou acabando de sair para uma clínica de recuperação. Preciso perder trinta quilos.

O escritor bate o telefone e inicia seu décimo terceiro livro.

HYANA REIS

Hyana Reis é jornalista, escritora, cronista, contista, formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhã. É ativista no jornalismo e na cultural local, atuando também nas mídias sociais. Parte de sua produção certamente tem inspiração nesta bela cidade de Imperatriz, às margens do rio Tocantins. Entre os livros lançados encontramos *Vidas em Pauta*, Editora Ética, em 2015; *Crônicas da Cidade*, Editora Ética em 2016; *Amores em tempos de @*, lançado pela Editora Estampa, em 2021. Atualmente reside em Balsas-Ma., atuando como subsecretaria de comunicação.

Crônica: PONTE DOM FELIPE

É difícil saber para qual beleza olhar: A que está a metros abaixo, de água caudalosa feita pela natureza, ou a estrutura metálica feita pelo homem. Um cenário formado pelo Rio Tocantins e a ponte compõem um dos maiores cartões postais de Imperatriz.

Dom Affonso Felipe Gregory foi o primeiro bispo de Imperatriz. Por anos o religioso se dedicou à vida missionária na região.

Mas sobre as águas seu nome tem outro significado: carrega o peso de ser uma via de ligação entre o Maranhão e o Tocantins. De todos os dias a receber a visita passageira de pessoas atravessando o rio. Do passado para o presente, Dom Felipe virou sinônimo de ponte, na segunda maior cidade do estado.

Aquela que popularmente já foi chamada de ponte da amizade, hoje recebe turistas, curiosos, admiradores e viajantes. Sua obra já foi e permanece como cenário de milhares de fotos de imperatrizenses e dos que passam por aqui.

Mas também já foi cenário de mortes e suicídios, e parece carregar o peso que tantas pontes ao redor do mundo costumam ter: a de perda de vidas.

A Ponte Dom Felipe para Imperatriz é mais que um lugar para se admirar, é um lugar para se orgulhar. Quando o sol toca o rio numa paisagem magnífica, quem passa por lá pode assistir de camarote. E quando a noite chega, o espetáculo fica por conta das luzes coloridas que iluminam a ponte e o caminho, anunciando de longe, que a beleza do lugar não termina nunca.

Crônica: TEMPO DE PRAIA

Logo no Porto da Balsa começa a discussão:

- Vamos para da Belinha!
- A do Goiás é a melhor.
- Eu gosto mesmo é a do meio.

Praia escolhida é hora de entrar na pequena canoa, carregando todos os suprimentos preparados com antecedência para passar o dia na praia à beira do Rio Tocantins.

Outra briga para todos colocarem o colete salva-vidas. Então a pequena embarcação começa a descer, rasgando as águas rumo à praia. Pés na areia, mais uma discussão para escolher a barraca e o melhor ponto para ficar.

As águas calmas do Tocantins refrescam o calor de 50° da cidade. Ali todos dividem o mesmo espaço com a natureza.

Passa o vendedor de camarão, de queijo, de óculos de sol, de chapéu e todo tipo de mercadoria. Escolhe um peixe, põe pra fritar. A iguaria é quase obrigatória pra quem frequenta as margens do Tocantins.

Entre mergulhos no rio o relógio alerta para 18h. É hora de reunir as sacolas, as bacias de comida, se secar e se aprontar para voltar para casa.

Sobem todos no barco, mais uma briga pelo colete salva-vidas. A embarcação se aproxima de novo do porto da Balsa. Mas antes de pegar o caminho de volta para o lar, um último olhar para uma das maiores belezas de Imperatriz: o pôr do sol que toca as águas do Tocantins.

Crônica: **A RUA 15**

Os blocos no chão, as árvores que cortam o meio da avenida, e as construções antigas que datam da época em que Imperatriz ainda era uma vila. A Rua 15 de Novembro é inconfundível.

Descendo a rua uma senhora, com seus 60 anos e o terço na mão, vai de encontro à padroeira da cidade: Santa Tereza D'Ávila. Entra na mais antiga igreja de Imperatriz. A missa está começando, com os fiéis que se espremem nos bancos para ver o bispo celebrando o corpo e sangue de Cristo.

Ali ao lado um grupo de amigos bebe cerveja no boteco. O som do pagode tomando conta do ambiente. Quem passa pelo quarteirão ouve o batuque do pandeiro e as vozes que cantam amém.

Não muito longe dali é o reggae quem comanda. Um barzinho alternativo com cara de casa reúne jovens, adultos e velhos ao som de Bob Marley. Nem parece que bem em frente é o sertanejo quem dita a dança, numa badalada boate.

Mas a 15 o rock também é protagonista. Os solos de guitarra são ouvidos de longe do prédio que lança à rua o som de Queen, Gun's end Roses, Pink Floyd e tantos outros ícones.

Um quarteirão depois o cenário é totalmente diferente. Um mercado de feirantes exibindo suas frutas, verduras, legumes, e até um café da manhã típico de Imperatriz. O local é ponto certo pra quem saiu da noite boêmia tão bem oferecida na Rua 15.

Mas não só de boemia vive a avenida mais antiga da cidade. Em seus calçamentos também andam os apreciadores de livros, que visitam a Biblioteca Municipal já no fim da rua, em busca de conhecimento, ou só de uma aventura proporcionada pelas páginas já amareladas dos livros oferecidos ali.

Nos bancos das praças os namorados trocam carinhos. Nas lanchonetes, padarias e restaurantes as famílias se reúnem. Nas portas todos admiram o movimento. Na 15 cabe todo mundo. Cabe Imperatriz inteira em uma só avenida.

Crônica: O VELHO GULLAR

Na faixa da lê-se o nome "Ferreira Gullar", uma homenagem a um dos maiores escritores maranhenses. No lado de fora o grupo de pessoas se amontoa na frente do teatro esperando a hora da sessão. Alguns ainda compram o ingresso de última hora na bilheteria, quase sempre há cadeiras. Peça que lota já é motivo de grande comemoração.

O rapaz abre as portas e a fila vai se encaminhando para dentro do único teatro. Uma pequena antessala antecipa o espaço onde se apresenta o espetáculo no velho Gullar. É pequeno, para o tamanho da cidade. Algumas fileiras de cadeiras e um pequeno palco resume o local.

Escolhe um assento. As cadeiras são apertadas, mal cabem as pernas. As luzes se apagam. A peça vai começar. O único técnico luta pra ajustar o som. Lá atrás da coxia os atores esperam para subir ao palco. A plateia começa a ficar impaciente.

Problemas aparentemente resolvidos, a apresentação começa. O cenário simples, improvisado. O elenco é pequeno. Os figurinos são de roupas montadas pelos próprios atores.

Mas quando as falas começam, tudo se transforma. Fica fácil se emocionar: sorrir, chorar. Rostos até conhecidos do público se transformam, só se enxerga o personagem.

O espaço pequeno, o palco simplório e as cadeiras apertadas deixam de importar. Ali, a magia do teatro é igual a qualquer outro do mundo. Quem disse que um Ferreira Gullar não pode ter a mesma grandeza que um Artur Azevedo?

JURIVÊ DE MACEDO

Jurivê de Macedo foi hábil jornalista, cronista, advogado provisionado. Natural de Porto Nacional, então estado do Goiás, hoje, Tocantins, foi reconhecido como um verdadeiro mestre na arte da crônica jornalística, repercutindo dos principais acontecimentos de nossa região. Foi membro fundador da ALL, e atuou por cerca de 40 anos na interessante coluna “Comentando os Fatos” nascida no jornal O Progresso e depois migrada para o jornal O Estado do Maranhão. (Cezar, 2019). A despeito de sua habilidade na escrita e intelectualidade, não fez questão de publicar livros. Atinha-se defender a literatura com sua escrita jornalística e sobretudo fazer o que mais gostava, que era repercutir os assuntos da cidade e região.

Crônica: A LIÇÃO DO JUMENTO

Tem aquela dos dois moços, que viajando pelo sertão esquecido e pobre, terminaram a jornada no pátio de um casebre, daquele com paredes e cobertura de palha, em que o lá fora é o mesmo do de lá dentro: privacidade nenhuma. O sertanejo aconselhou que eles pusessem as celas e aquela tralha toda que tinham na carga, dentro da Palhoça. Eles disseram que não; ficaria tudo ali mesmo do lado de fora.

- Gente, olha que vai chover muito hoje à noite.

- Chover? De jeito nenhum. Nós somos cientistas. Somos meteorologistas. Sabemos que sobre chuvas. Sabemos tudo sobre chuvas e lhe estamos dizendo que tão cedo não vai cair um pingão de chuva sobre esta região.

O sertanejo calou-se e foi deitar. Madrugada alta e uma chuva forte desabou sobre aquele pedaço de chão. Amanhecido o dia, os hóspedes molhados, celas e cargas encharcadas. Um deles, que saber do matuto como ele previra aquele aguaceiro todo. A resposta dele:

- Quando os moços chegaram aqui, não viram aquele jumento colado na parede da casa, Debaixo das palhas da cobertura? Pois é, aquele jumento nunca teve a sorte dos moços; nunca passou nem perto de uma escola, mas ele não erra uma. Toda vez que ele se espreme debaixo da biqueira da casa, pode apostar que vem chuva. Bem que o preveni vosmincês que ia chover. O jumento, avisou.

Crônica: AMARAL RAPOSO

O velho jornalista era convidado de um prefeito local e veio assumir a chefia do gabinete deste. Desceu no aeroporto, passou pelo hotel já reservado, deixou a mala e foi se apresentar à autoridade. Conversava com o prefeito quando chegou a esposa deste. Ali mesmo foram feitas as apresentações e foi encerrada a carreira de assessor de Amaral Raposo. É que a esposa do prefeito não quis deixar a coisa por menos:

– Ora, Fulano, com tanto homem novo e bonito em São Luís e você me traz de lá um velho desses?!...

Amaral não perdeu o rebolado ao responder:

– Minha senhora, seu marido me trouxe para Imperatriz para ser assessor e não para ser reprodutor. Passe muito bem!

Voltou ao hotel, apanhou a mala, tomou um táxi para a estação rodoviária de onde retornou à capital.

Crônica: **COISAS E LOISAS NOSSAS**

Sei não, minhas e meus, mas se as gentes bem entendemos de Brasil e das coisas da política brasileira, todo esse rebu político que hoje é assunto dominante na grande imprensa nacional vai acabar resumido naquele desabafo do técnico Zagalo: “Vocês vão ter que me engolir”.

O final que não saiu, do tópico inicial desta coluna, ontem, era este: “aqui na Vila, tudo é e será regido pelo princípio “é proibido proibir”. Continuaremos vendo a autoridades de todas as áreas e todos os poderes (?) sujeitas à força da sentença “se é para avacaia, pode deixar que nós avacaia”.

Deus do céu, será que nem depois de morto o bispo Fellipe Gregory tem seu nome em paz? Para que essa briga besta em torno do nome a ser dado oficialmente à ponte sobre o Rio Tocantins? Ela já foi Ponte da ilusão, ponte da Amizade, Ponte do Progresso, hoje é Ponte Cartão Postal (só para fotos), e agora vem esse besteiro contra o sugerido nome Fellipe Gregory, homenagem mais do que merecida ao gaúcho de Imperatriz, que foi aquele bispo cujo corpo repousa, a pedido seu, em nosso chão. Ademais, esse negócio de ponte da Liberdade é tão genérico, tão vago!...

Crônica: **ENDEREÇO ERRADO**

Verdade que à falecida faltavam dois dentes. Faltava-lhe também aquele sinal (um cravo) sob o olho esquerdo. Aos olhos da dona da casa, “esta mulher não é minha mãe, mamãe era menor do que esta”. Mas no documento do hospital a defunta era dona Floripa, ali internada na tarde anterior, vítima de AVC. Pelo sim e pelo não, a funerária foi chamada, a morta posta em bonita urna “defuntícia”, flores foram postas em volta do corpo e, claro, o choro, as orações, os pêsames próprios dessas ocasiões, o cafezinho servido aos condoídos visitantes, tudo era feito segundo manda o ritual dos velórios. O féretro (êta palavrinha besta) saíria da casa por volta das cinco vespertinas. Tudo corri dentro dos conformes quando na porta da casa para outro carro funerário; dentro dele um outro cadáver de mulher. Essa aí, sim, é dona Floripa, bradaram familiares e amigos; até a inconsolável órfã respirou um tanto mais aliviada, “essa agora é minha mãe, graças a Deus”. Feita a troca das defuntas, e permutado os papéis do necrotério do hospital, desculpas esfarrapadas foram dadas à família.

Um ligeiro engano dera origem à troca dos dois corpos. “A senhora sabe como essas coisas acontecem! Aceite nossos pêsames e também nossas desculpas pelo incômodo”. Só então dona Floripa, já devidamente pranteada e de alma encomendada a Deus, tomou o seu devido, mas certamente não querido lugar no caixão e na sala do velório. Foi confirmada a hora da verdadeira viagem, enquanto outra defunta, que quem era nem de onde era ninguém da casa sabia, foi devolvida ao necrotério do hospital, agora sem choro, nem velas, nem flores.

Crônica: LEBRANDO VITO

Quase meia-noite, depois da última aula no campus local da UEMA, ele rumava para a sua casa trilhando o trecho mal iluminado daquela rua. Sentiu nas costas algo que ele pareceu o cano de uma arma. A voz disfarçada deu a ordem:

- É um assalto, velhinho, pra cá o dinheiro, e não estrebucha.

Sem diminuir os passos e sem esboçar qualquer reação, o professor deu o seu recado:

- Meu amigo, quase metade do mês e o senhor assaltando um velho professor que ainda por cima, está com salário atrasado. O senhor está perdendo seu tempo comigo; dinheiro não existe.

Foi a vez do quase assaltante assustar:

- Professor é, o senhor? Me perdoa, que eu nunca imaginei isso.

- Tudo bem, mas não deveria ser porque sou eu, o senhor não deve assaltar ninguém. Está errado.

- O senhor não pode andar assim sozinho, professor... quer que eu lhe acompanhe até sua casa?

- É... Noite escura e rua deserta, uma companhia é sempre bem aceita.

Caminharam juntos as três quadras que os separavam da casa do mestre.

- Pelo amor de Deus, professor, não me entregue à polícia, não.

- Entregar o senhor à polícia por qual razão? O senhor não me feriu, nem tirou nada de mim. Vá para casa e procura dormir. Para com essa besteira de assalto, que um dia o senhor pode se dar mal.

Obs.: Victor Milesi narrava isso como se estivesse contando uma piada engraçada. Contava o milagre, mas jamais revelou o nome do "Santo". Seu quase assaltante ficou no anonimato.

Crônica: **PAIXÃO MODERNA**

Não é que o filme fosse assim tão velho, realmente, ele era o mais autêntico de todos os filmes produzidos ao longo da história da cristandade. Pensando bem, aquilo nem era um filme, era o primeiro e único documentário da Paixão de Cristo feito ao vivo e em cores. Minto era ao vivo e preto diretamente do Monte calvário. Um documento do maior valor, provavelmente hoje, na filмотeca do Vaticano.

O Cine Rex foi a primeira casa exibidora de filmes em Porto Franco, bote tempo nisso. Quando ali chegou a primeira máquina de projeção (sei lá o nome daquilo), a única coisa certa que se sabia em torno dela é que se tratava daquela feita pelos irmãos Lumiere. O filme Paixão de Cristo vinha com ela. Filmaço que fez a alegria do proprietário da casa de espetáculo. A cada ano de Quarta-feira de Cinzas ao Sábado de Aleluia, o faturamento era no Cine Rex o mesmo do Maracanã em dia de Fla-Flu. Dava gosto a gente ver aquela fila de mulheres contritas, delas até de xale, nos ombros e terço na mão, buscando um lugar no acanhado auditório. E quando o operador Moisés dava início à projeção, era o mesmo tirinete de gente e de lágrimas, a mesma chuva de dinheiro de ingressos vendidos.

Não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe, né mesmo? Pois o dono do Cine Rex também teve o seu dia de herege por conta do filme Paixão de Cristo. Foi quando o operador Moisés passou o dia num bar da cidade, tomando todas. Já chegou para a exibição do filme quando a sala estava cheia e o calor sufocante. Sem tempo para uma revisão mais cuidadosa

da película, ele simplesmente recortou um pedaço de outra fita (aquelas que mostram a publicidade de turismo) para emendar Paixão de Cristo.

Emendou e vamos que vamos. “O anjo do senhor, anunciou Maria”, José e Maria a caminho de Jerusalém, os Reis Magos, a fuga, o menino pregando no templo, os primeiros sermões, os Milagres, os apóstolos... Êpa. Tem erro aí na narrativa; antes dos apóstolos tinha João Batista e tinha o batismo do Rio Jordão. Pois foi aí que se deu a “melodia”. A cena do batismo na fita coincidia com o momento em que João levava Cristo para dentro do Rio Jordão e se abaixava para apanhar água. Justo aí a emenda deu sinal, aquele característico apagão, aqueles raios que aparecem na tela e, finalmente, a retomada da história. Pois me acreditem em vocês, a interrupção se deu quando o João Batista se abaixava para apanhar água durou até quando sobranceiramente um Boeing de famosa companhia aérea aparecia na tela. Novo apagão e a volta com Batista derramando a cuia de água sobre a cabeça de Cristo.

Foi o fim da Paixão de Cristo no Cine Rex. A chuva de improperios e pragas sobre o dono do cinema que “estava fazendo molecagem com Cristo em dia de Semana Santa”. Arrenegado, herege desrespeitoso. Onde já se viu botar aquele avião ali, interrompendo o batismo do filho de Deus? As beatas jamais perdoaram aquela heresia e o filme foram para o baú velho. Tudo por conta daquele avião intrometido.

Crônica: SEU NOGUEIRA

Também interiorano, igualmente autodidata, Raimundo Nogueira de Sousa, ex-telegrafista, ex-ajudante de pedreiro, bom de carteadado e um Tio Patinhas afamado foi, durante muito tempo, o Banco de Imperatriz, emprestando dinheiro a juros escorchantes.

Procurado por um ricaço da época (anos 60) que lhe foi pedir 10 mil cruzeiros emprestados, Seu Nogueira explicou que seu juro era de 10 por cento ao mês e cobrado antecipadamente.

O comerciante aceitou. Nogueira lhe deu a nota promissória para assinar, recomendou que seus negócios não admitiam atrasos, dirigiu-se até o cofre, trancou a nota promissória e desejou boa-noite ao cliente.

– Mas Seu Nogueira, e o dinheiro, o senhor se esqueceu de me entregar...

– Esqueci não, parente. Nós não combinamos que o meu juro é de 10 por cento e cobrado antecipadamente? Então... o amigo pediu-me 10 mil emprestados para pagar em 10 meses, não foi isso? Pois já pagou o juro. Agora só me deve o principal que, espero, seja pago em dia. E boa-noite.

LUIZ CARLOS PORTO

Luiz Carlos Porto é Pastor Presbiteriano, escritor, cronista e teólogo. E maranhense de Imperatriz. Nasceu em 28 de setembro de 1957. É membro da AIL. É formado em Administração e Teologia. Tem especialização em Didática do Ensino Superior, mestrado e doutorado em Teologia. É autor de diversos livros e inúmeros artigos, sendo estes publicados no Jornal *O progresso*. Entre suas obras encontramos *Ai, Açã: pecado encoberto destrói uma comunidade* (1981), *Debaixo do Sol* (2003), *Imperatrizando* (2005), *Casa dividida* (2007).

Crônica: ANTES DA AÇÃO PREDATÓRIA

Quem vê hoje essa cidade de Imperatriz com duzentos e cinquenta mil habitantes, quase cem mil bicicletas, cerca de trinta mil veículos e cinco mil motos, certamente vai ter muita dificuldade em imaginar que tempos atrás, nossa cidade era uma bucólica e pacata cidade onde muitos habitantes se chamavam de compadres e comadres, no melhor sentido da palavra.

Em toda parte, era comum encontrar cenários tais quais foram feitos pelo criador. Quando criança, a gente não precisava de ventilador, nem de aparelho de ar-condicionado. O clima era outro. As pessoas não precisavam de automóveis para cruzar a cidade e adiantar a agenda do dia. A praça de Fátima era o limite da cidade. Não era necessário trancar cedo as portas de casa por causa da bandidagem generalizada. Não havia assaltos, nem drogas, nem traficantes.

Antes da ação predatória do homem, nossa cidade tinha outra face. Apesar de muitas vantagens do nosso mundo globalizado, se pudéssemos transferir para o nosso presente algumas coisas naturais do nosso passado, esse pedaço do Brasil seria uma filial do primeiro paraíso.

Convido o leitor a dar uma voltinha comigo na Imperatriz do passado. A Imperatriz pura do jeito que Deus fez.

Vou começar dando um grande susto em você. Esse susto começa com a palavra frio. Sim senhor, só o fundo da minha rede sabe o quanto penei. Para a nossa geração atual, acachapada por esse calor escaldante, que alimenta o comércio de ventiladores e de ar-condicionado, falar de frio parece até uma “estória de trancoso”. A verdade é que durante o dia a temperatura era mais amena, mas durante a noite, sem asfalto, sem energia elétrica, e a cidadezinha cercada de mata, os dentes da garotada batiam com o frio da madrugada. Quantas vezes acordei pela manhã com a gengiva toda dolorida de tanto apertar os dentes por causa do frio. Quantas vezes mamãe levantava de madrugada para ajeitar o lençol da gente! Lá pelas tantas da madrugada, a rede não

era uma companheira completa. No fundinho dela eu me enrolava em posição fetal, procurando uma postura que me protegesse do frio. Depois, o sono era um bálsamo. Sem ventilador, sem ar condicionado e sem muriçoca. Já tivemos esse bendito privilégio, porém, a nossa presença destruidora afugentou o precioso frio da madrugada.

Além do frio, Imperatriz era imersa diariamente no maravilhoso sereno da madrugada. Todas as manhãs, o chão estava molhado do orvalho que caía durante a noite. Quantas vezes saía para o colégio pela manhã e não conseguia enxergar o outro lado da rua! O sereno da madrugada normalmente era dissipado somente após o sol “esquentar”. Tal qual a noiva, nossa cidade gostava de se vestir com aquele manto branco que parecia encobrir a beleza do lugar. Naquele tempo, as mães tinham razão quando mandavam seus filhos observarem o sereno. Estar meio febril e andar com a cabeça descoberta, nem pensar. Infelizmente o branco vestido da noiva foi substituído pela fuligem proveniente dos motores dos automóveis, das ruas empoeiradas de inúmeros bairros sem saneamento básico ou da fumaça das queimadas.

Antes de chegar ao famigerado progresso, nossa cidade era cortada por rios cristalinos e cheios de peixes. Lembro que um dos primeiros atos da administração do ex-prefeito Gilmar Fernandes foi fazer uma limpeza geral no riacho Bacuri. Sofá, cama, fogão, cachorro morto e outros itens estranhos foram encontrados no leito do rio. Na minha infância, tomei muito banho nos riachos que cortavam a cidade. A água era Cristalina e corria livremente propiciando muitos lugares agradáveis para o banho. No Bacuri peguei muita piaba, pacu e piau. Em alguns lugares, quando o rio estava cheio, a gente subia nas árvores e pulava lá de cima, dentro do rio. Fugir de casa e tomar um banho após as aulas era uma aventura muito gostosa. Valia a pena correr o risco de chegar em casa e tomar uma surra. Por um banho do Bacuri a noção de perigo desaparecia. Hoje, o nosso rio mais central não passa de um esgoto a céu aberto. Antes, era um privilégio morar perto do rio Bacuri. O banho e o piau assado no espeto eram mais constantes. Morar hoje, perto do leito do rio significa cheirar o esgoto dia e noite. Que jeito perverso de viver nós escolhemos!

Penso que a grande maioria da população atual de Imperatriz desconhece a existência passada das fontinhas Se de um lado faz bem recordar, por outro lado me faz um mal danado saber que jogamos fora um pedaço do céu. Localizada entre a rua XV de novembro e o rio Tocantins, na altura da Lagoa da Beira Rio, as fontinhas eram fontes naturais de água Cristalina que borbulhava em vários lugares, fazendo belíssimas piscinas. É tão nítido em minha memória aquele impetuoso borbulhar de água em vários lugares. Tem até a impressão de que aquela água era a mais legítima água mineral. Podíamos ter um belíssimo parque de água mineral dentro da

cidade. Só o espetáculo daquela água abrindo a areia e chegando em bolhas na superfície já seria uma das maravilhas mais apreciadas da nossa região. Sobre aquele veio de águas cristalinas e borbulhantes, está construindo um prédio de vários andares. A obra de Deus substituída pela obra do homem. A obra do homem pode ser reproduzida em qualquer lugar, a obra de Deus não pode ser reproduzida nunca. As fontinhas farão parte apenas da história.

Por mais que vivamos no contexto de conscientização a respeito das limitações dos recursos naturais, a nossa ação sempre será predatória. Vamos destruindo o natural e reproduzindo muito mal o artificial. O fim da história já conheço. Um dia, o criador vai dizer:

- Cavaleiros, a festa acabou!

LIVALDO FREGONA

Livaldo Fregona é natural de Marilândia-ES; é escritor, contista, cronista e entusiasta da literatura na cidade, sendo reconhecido como um dos autores que mais produziu obras literárias em Imperatriz. É membro fundador da AIL-Imperatriz, ocupando a cadeira 13. Por sua forma incentivar a cultura, produzindo obras, repercutindo produções, ganhou em 1997 o prêmio de autor mais atuante na região Tocantina. SILVA/SANTOS (2017). Entre sus principais obras temos: *Contos* (1983), *A procura* (1984), *Menino da roça* (1985); *Estranha passagem* (1986), *Abismos* (1988), *O caminho* (1990); *Os humildes* (1992), *Nuvens passageiras* (1996); *18 anos de Imperatriz* (1998); *A fama e a verdade de José Bonfim* (1999), *Ao lado do travesseiro* (2005), *O caçador* (2009), *Simba* (2010); *Causos e contos* (2012); *O maior mentiroso do mundo* (2015). *Marilândia – vale de sonhos e lágrimas* (2018), *Ao claro da lamparina* (2020), *Brauxo, o morubixaba* (2021).

Crônica: AMAZÔNIA: INSÔNIA DO MUNDO

Introdução. A Amazônia é uma região da América do Sul, definida pela bacia do rio Amazonas e coberta em grande parte por floresta tropical. É conhecida, também, por Floresta Equatorial ou Hileia. Possui 60% de sua cobertura em território brasileiro.

A bacia hidrográfica da Amazônia, no Brasil, tem muitos afluentes importantes, tais como o rio Negro, Tapajós, Juruá, Purus, Madeira, Xingu, Trombetas, sendo que o rio principal é o Amazonas.

Ele nasce na cordilheira dos Andes e estende-se por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. É considerado o rio mais volumoso do mundo.

É chamado também de Amazônia, o bioma que, no Brasil, ocupa 49,29% do território, sendo o maior bioma terrestre do país. Uma área de seis milhões de hectares no centro de sua bacia hidrográfica, incluindo o Parque nacional do Jaú, foi considerada pela UNESCO, em 2000 (com extensão em 2003), Patrimônio da Humanidade.

Por tudo isso, a Amazônia bem merece – tanto pela extensão como pela despoluição do planeta Terra – a preocupação mundial e a designação de “insônia do mundo”. Os países desenvolvidos, tendo como carro chefe os Estados Unidos, vivem pressionando o Brasil para que a preserve, alegando que ela é fundamental para diminuir a poluição do nosso planeta, mas, a bem pouco tempo, o presidente Bush negou-se a validar o “protocolo de Kyoto”, que exigia compromisso, principalmente de seu país, em diminuir a criminosa ação poluidora de suas fábricas.

Meu testemunho. Por mais que os bem-intencionados lutem, os oportunistas não arredarão pé. As belezas naturais da Amazônia sucumbirão bem antes que se imagina, infelizmente.

Com algumas raras exceções, todos os anos eu passo minhas férias numa pequena parte da Amazônia. Fica lá no rio Uruará, entre a cidade de Altamira e Santarém, no Km 140. Deixo a Transamazônica, adentro mais 100 quilômetros pela mata – antes totalmente virgem – e monto minha barraca às margens do rio Gaia, afluente cristalino do rio Uruará, repleto de impressionantes silhuetas de surubins ao fundo. Faço isso há, pelo menos, 10 anos.

Tudo começou em julho de 1996, quando um de meus sobrinhos convidou-me a acompanhá-lo para visitar a região na qual pretendia instalar-se.

Deixando-me numa tapera em que moravam uma idosa e seu neto, ele, acompanhado de um guia, o Gonçalo, andou durante três dias, até alcançar a margem do rio Uruará. Retornou alquebrado, moído, com as partes internas das coxas em carne viva, em vista da fricção continuada da calça jeans molhada, ora por chuva, ora pelo suor. Mas, voltou maravilhado e logo fechou a primeira compra de 500 alqueires de mata.

Em 1998, acompanhado de mais três irmãos, ele se instalou no Km 140. Em apenas alguns anos, eles já eram donos de toda a extensão percorrida em 1996, agora com estrada piçarrada, patrolada e larga.

Foi nesse tempo que comecei minhas visitas anuais, em busca de conhecimentos sobre os Tinamídeos brasileiros (tipos de inhambus: aves rasteiras que só voam se forem ameaçadas).

Como lembro de minha primeira viagem! Era perigoso aproveitar a boa estrada e andar a mais de 40 Km por hora. Antas, veados, porcos, onças... eram vistos na estrada, como se estivessem confusos com aquela trilha gigante, que bem podia ser – e era – a trilha de seu maior predador: o homem.

Pelo dossel da floresta, a algazarra dos psitacídeos, os guinchos de centenas de espécies de símios, o chirriar de corujas e gaviões, o “ganido” do tucano de coleira branca... confundiam-se com a singeleza da suave flauta do uirapuru, do sabiá verdadeiro, do jaó, com seu belo piado sempre presente às margens dos rios e igarapés.

E os anos foram passando, as indústrias instalando-se, o número de pessoas aumentando. Aquele lugar deserto de outrora ia recebendo gente, normalmente humilde, em busca de trabalho.

O que antes era conhecido apenas como Km 140, foi-se transformando numa vila, hoje, Vila Alvorada, que já pensa em virar cidade.

À medida com que a população aumentava, os milhares de bichos que antes cruzavam a estrada foram se transformando em centenas, dezenas...

E a destruição continuava. Aquelas terras devolutas e abandonadas, agora com estrada e velhos caminhões indo e vindo lotados de madeira para as serrarias, atraíram posseiros que se infiltraram em todo canto ainda vago. Munidos apenas de anzol e espingarda, eles iam sobrevivendo de bichos e peixes, até que algum madeireiro se interessasse pelas madeiras existentes no pedaço que ocupavam.

E assim, ano a ano, o contingente humano avançava e o dos animais, encolhia-se. Agora, estou voltando de lá. Fui e voltei à margem do Uruará e não vi, sequer, um jaboti atravessando a estrada.

Lindas e grandes fazendas de gado se instalaram e há gente para todo lado.... Até os peixes diminuíram, pois, a fartura de antes logo atraiu a ganância dos pescadores de rede, que acharam cômodo estendê-las à tarde e apenas recolherem os peixes pela manhã. Nada de anzol mais, nem para nós que íamos lá para pescar.

Daquela riqueza natural, apenas resquícios. Uma casa, bichinhos de estimação colhidos no ninho e criados em casa. Bichinhos que vivem pelos cômodos, dormem em casa, alimentam-se pela manhã e vão passear no mato. Se a fome aperta, retornam, como o caso das ararinhas de dona Alzeni.

As matas, ricas em ipês, jatobás e cedros (todas de real interesse dos importadores europeus), foram sendo exploradas a qualquer distância. Mas, como são encontradas distantes umas das outras e extraídas por “esquíderes”, em menos de dois anos, apenas os tocos são percebidos.

O problema mesmo são as derrubadas. Estas sim, destroem o ambiente, expulsam definitivamente a vida autóctone e desequilibram os ecossistemas.

Os invasores ou exploradores oportunistas, com certeza espantam e diminuem as espécies, mas não as eliminam. Em menos de três anos, a Natureza se recuperaria dessa ação nefasta. É só não derrubar as matas.

Pois bem, diante do que sempre vi e continuo vendo, esperneiem os bem-intencionados, criem leis, multem, ameacem, matem.... A bela Natureza, intacta, tal qual nos foi entregue por Deus, ruirá, porque, mais forte que todo argumento convincente é a ganância dos homens.

Conheci a Mata Atlântica e conheci também o Maranhão de 30 anos atrás. Hoje, estou acompanhando a destruição de uma pequena parte da Amazônia.

Há seis meses, com a valorização da madeira, as invasões começaram. Só no cantinho que visito, 19 corpos já tombaram na luta dos invasores pela melhor parte. Polícia federal, IBAMA, polícia civil..., todos foram acionados, avisados, mas a saga continua do mesmo jeitinho. E, infelizmente, assim sempre foi, continua sendo e será, até que se atinja o, de fato, FUNDO DO POÇO.

Podem os órgãos, com suas posturas radicais e, para muitos, suspeitas, confiscar gado, lacrar serrarias, prender, multar..., que as coisas continuarão acontecendo como sempre aconteceram, aqui e no resto do mundo.

É simplesmente impossível criar porcos em jardins, ou seja, manter a Natureza intacta com tanta gente nascendo e querendo sobreviver. Todo mal se origina de vários erros, mas no caso da proteção ambiental, o maior deles é o crescimento geométrico de uma raça humana egoísta e sem Deus. As belezas naturais da Amazônia sucumbirão bem antes que se imagina, infelizmente.

Crônica: **DOR DA ALMA**

Quantos já não perguntaram contritamente a Deus, o porquê de tanto mal no mundo? O porquê de Ele permitir que haja tanto sofrimento arraigado na maioria dos seres humanos. Gandhi, Santo Agostinho na juventude, Schopenhauer e tantos outros pensadores, muitos santos

e homens preocupados com a verdadeira justiça social, não raras vezes contestaram a bondade e perfeição de Deus em relação ao mal que permite infiltrar nos corações de alguns homens. Deus onisciente, poderoso, perfeito e criador de tudo estaria sujeito aos conluíus de um outro reino, o do mal?

Tem-se a impressão que este reino perverso não O respeita e vive atrapalhando Sua criação sem que Ele, o verdadeiro Deus de bondade, possa impedir.

Este pensamento falso que perdura desde os tempos dos maniqueístas, ainda hoje se mantém arraigado, e não há quem – nos momentos de profunda angústia ou crise existencial – que não se prostre diante de Deus para cobrar-Lhe esta situação embaraçosa, ininteligível ao nosso raciocínio limitado. De fato, se o mal existe, e tudo quanto existe foi criado por Deus, não temos outra saída senão admitir: que há um outro reino em confronto ao Criador; ou que o nosso Deus não é perfeito, pois se torna inadmissível, um ser perfeito criar coisas imperfeitas. Qual seria, pois, a explicação?

É claro que Deus não criou nada imperfeito. Assim pensando, só nos resta seguir a outra pista, ou seja, provar que o mal não foi criado por Ele, ou simplesmente, que o mal é apenas a ausência do bem. Quanto à Natureza e ao universo – excetuando-se o homem – qualquer pessoa pode perceber a harmonia e a perfeição das coisas.

Notemos os astros, as estrelas, a Terra girando no espaço com tamanha perfeição que, se assim não fosse, não haveria vida no planeta. Para que aqui estejamos, com árvores, pássaros, água..., é preciso que nossa órbita não seja outra, nem um pouco para lá, nem um pouco para cá. O universo inteiro é perfeito. A terra em que habitamos – não fosse a interferência humana – também seria perfeita. Nunca houve necessidade de o homem interferir para equilibrar o mundo original.

O homem, portanto, se nos assemelha ao mal, embora na essência, seja perfeito. O que ele faz não vem de encontro à sua constituição ou à sua criação. Apesar de tudo o que é perfeito não permitir mais retoque algum, poderíamos contradizer o enunciado, alegando que o homem faz coisas erradas, sendo por isto mesmo, imperfeito. Que o homem foi feito por Deus, que assim sendo, teria feito algo imperfeito. A solução é não confundir o ser com os seus atos. Temos então de provar que o mal não existe, seguindo a proposta agostiniana de que o mesmo é apenas “uma perversão da vontade desviada da substância suprema”, ou seja, de Deus.

É como se alguém ordenasse a seu empregado para abrir a válvula de pressão de uma caldeira e ele não o fizesse. Ela explodiria e pareceria imperfeita, embora a causa tenha sido tão somente a perversão da ordem dada. O homem é perfeito como a caldeira o seria; o homem faz

coisas erradas, assim como a caldeira explode se não se seguir as orientações de seu inventor.

O raciocínio é mais ou menos simples. Partindo-se da premissa de que Deus é eterno, portanto, imodificável nos tempos, e que por isso mesmo é perfeito, chegamos à conclusão de que as coisas eternas são perfeitas. Admitindo-se que tudo quanto existe, enquanto existe é eterno, chegamos também a mais uma conclusão de que tudo quanto existe é perfeito. As coisas quando deixam de existir, desaparecem, logo não são eternas, portanto, o que não existe não pode ser nem perfeito nem imperfeito. Por este ângulo o homem, apesar de fazer tantas coisas erradas, é perfeito. Diante disto, desafio a qualquer cientista renomado a introduzir o escuro numa sala iluminada, ou o mal em Deus. Daí a grande ilusão de afetar Deus com nossos impropérios. Tudo o que fazemos de errado é a nós que o fazemos. Tanto o escuro como o mal são a ausência da luz ou do bem. Eles por si só, não existem.

Diferentemente, a luz e o bem existem por si e podem expulsar a escuridão ou o mal tão logo penetrem no ambiente. Por isto Ele é único e não há outro Deus além dele. O mal nada mais é do que a rejeição humana às coisas de Deus. E por causa desta rejeição que o homem mata, persegue, destrói as coisas lindas da Natureza e deixa o mundo neste caos, nesta insegurança terrível que nos assola.

Ninguém consegue incutir mal algum em Deus, pelo simples fato de Ele ser bom e perfeito. O que é perfeito existe eternamente. Por isto Deus é eterno. O que não existe, não é perfeito. Isto atrai nosso raciocínio para outro ponto difícil, o da alma, ou do que seja, na realidade, a alma. Foi prometido por Deus que no juízo final, todo homem ressuscitará e que, nesse dia, todos serão julgados. Aos bons Ele dirá: "Vinde benditos de meu Pai para o reino que lhe foi criado." Os maus terão sorte adversa. Se tudo o que é eterno é perfeito, logo nosso corpo que ressuscitará e viverá, conforme promessa, é perfeito, pois será eternamente.

Daí duas conclusões podem ser obtidas: a primeira é de que nós (corpo e alma), na verdade somos uma só coisa, e a segunda que os maus padecerão "apenas" a grande dor de jamais conviverem com o Bem Supremo, ou simplesmente, deixarão de existir, já que o mal não existe nem é eterno. Dentro deste raciocínio, algumas religiões deveriam repensar sobre a grande angústia que semeiam nos corações de seus fiéis ameaçando-os com as chamas do inferno. O inferno nada mais é do que a incapacidade que o mal cria no homem de conviver eternamente com Deus. Para se aproximar do que isto representa, o próprio Jesus fez a comparação com um lugar em chamas onde haverá choro e ranger de dentes. Qualquer um que se imagine dentro do fogo sabe precisar o grau de sofrimento. Maior será a dor vivida no momento da separação e da

volta à inexistência, para aqueles que perverterem a ordem de Deus. O inferno não existe porque não há crime sem reparação, e não há reparação que um dia não possa ser cumprida.

Assim como a escuridão é apenas a ausência da luz, as pessoas que morrerem sem luz, continuarão nas trevas e as trevas não existem. É, pois, a ausência de Deus, a Luz, o castigo impingido àqueles que se desviarem de seus ensinamentos. Haverá um só reino e um só pastor. Tudo será luz. Não existirão mais as trevas, logo não haverá mais mal algum. Tudo será perfeito.

Desarticulando-se o mal, as coisas imperfeitas terminam, deixa de existir este inferno, representado pelas angústias que a própria perversão do bem cria em nossos corações. Semeamos o mal e somos obrigados a colher os frutos daquilo que plantamos, pois na verdade, somos felizes ou infelizes conforme nossa conduta. No juízo final todos verão o esplendor de Deus, a felicidade indizível e eterna de Sua convivência, mas somente os merecedores subsistirão. Os demais voltarão às trevas, ou seja, deixarão de existir. Há de se imaginar que para se ganhar a verdadeira felicidade seja necessário grande conhecimento de verdades profundas. No entanto, de uma criança ao mais egrégio sábio, todos têm em si o discernimento sobre o que se deve ou não fazer.

A luz que salva, que não permite a intromissão das trevas, é a cega obediência à consciência, esta vizinha impertinente que não se cansa de nos orientar. Não é por menos que não devemos julgar para não sermos julgados. Os dez mandamentos estabelecem o geral, mas não se pode dispensar “os artigos e incisos”. Eles fundamentam o particular, a exceção, o relacionamento Deus/homem. Por isto, o que para uns é crime, para outros não é. Somos um poço de mistérios no qual somente Deus penetra. Nossos julgamentos, em geral, são sempre falhos. Não se surpreenda, pois, se do outro lado não encontrar no céu a presença de tantos benfeitores da humanidade. Para se viver na luz, não é preciso buscar fundamentos filosóficos, mas apenas seguir a nossa intuição ao que se deve ou não fazer. Esta voz é própria de cada um, o que dispensa grandes estudos, grandes procuras. Ela é inata, vem com a gente na mais pura graça de Deus. Somos o Seu templo vivo, o que equivale dizer que Deus vive e se preocupa com a gente, está na gente, fala pela gente nas horas mais embaraçosas. Sua voz está sempre – por meio da consciência – ciciando em nossos ouvidos, segredos de salvação. Deus é luz, e somente um erro grave apaga esta luz que nos orienta e nos mostra o caminho do céu. Este erro nada mais é – como já foi explicado – a perversão da vontade divina.

Sendo nossa consciência a cicerone que nos guia e traduz a vontade do Criador, devemos obedecê-la, ainda que as pessoas fiquem escandalizadas. Para atingirmos o céu, temos de ser justos e perfeitos conforme nosso entendimento de justiça e perfeição. Para sermos perfeitos, não é extremamente necessário saber das leis, nem sequer dos mandamentos, mas apenas seguir

nossa consciência. A maneira com que entendemos honestamente as coisas, é a verdade que salva. Daí sermos todos iguais perante Deus. Como explicar as diferentes ideias em conflito dentro das religiões, cada uma jurando a verdade?

A única verdade absoluta é Deus. Todas as demais são verdades de cada um, adquiridas e ratificadas por Deus conforme nossa boa intenção. O mais interessante é que, um mesmo ponto discutido, pode possuir duas verdades. Coloquemos, por exemplo, duas pessoas a um quilômetro de distância uma da outra. No meio, a quinhentos metros, portanto, onde a visão não oferece perfeita distinção, ponhamos um objeto com duas faces diferentes, cada uma das faces voltada respectivamente para um e outro observador. Se arguidos sobre o que veem, atestarão formas diferentes, embora o objeto seja um só. Todas as verdades são particulares, dependendo da maneira, da instrução, da atribuição, do ângulo e de mil outros fatores observados.

Por isto é bom que se acredite que todas as religiões e ideologias são verdadeiras quando norteadas pela reta intenção de dizerem a verdade e praticarem o bem; e falsas quando não preencherem estes requisitos. Dirigido sempre pela boa intenção, fazendo sempre o que achar certo, dizendo sempre o que considerar oportuno..., todo homem – sem distinção de seita ou religião – chegará a Deus, ainda que o que fizer ou disser não for certo ou oportuno.

Crônica: **FÉ**

Um dia ele se olhou no espelho e percebeu que se deixasse a barba e os cabelos crescerem, ficaria se parecendo, fisicamente, com Jesus Cristo. Puxa!, Jesus Cristo sempre fora seu herói, seu ídolo, seu Deus. Se toda sua admiração por Ele se convertesse em fé, certamente ele seria como o filho de Deus.

Começou a não mais rapar a barba, nem tão pouco cortar os cabelos. À medida que eles cresciam, não só ele, mas qualquer um notava certa semelhança com os traços fisionômicos que os pintores deixaram de Jesus.

Iniciou-se, a partir dali, um processo de transformação doentia: a cada dia ele ia se convencendo mais de que era a reencarnação do Filho de Deus. Deixou seus vícios, lia e relia a Bíblia e tudo o mais que podia sobre esse Homem que deu a própria vida para remir os pecados da humanidade.

Aquele ser frágil que vivia nele, cheio de defeitos, de desejos escusos, de malícia, inveja e egoísmo, paulatinamente foi cedendo lugar a outro, cheio de compreensão e desprendimento. Mais um pouco e ele completaria os trinta anos. Seria a hora das pregações, de reapresentar ao

mundo adormecido e ingrato, as belas e esquecidas leis do perdão, da justiça, da mansidão e da fraternidade. A idade chegou.

Deixou sua casa onde já ouvia rumores de que estava mal da cabeça, e foi para as regiões semidesérticas do Nordeste. Na própria terra, pouco se consegue – lembrou-se disso como se estivesse em Nazaré, diante de conterrâneos descrentes: "Não é este o filho do carpinteiro?"

Depois de quarenta dias comendo o que encontrava nos cerrados, apareceu numa vila do sertão nordestino. Sentiu muitas tentações, porque mesmo nos tresloucados, os desejos são fortes. Houve dias em que teve medo do que estava fazendo. Quis desistir, mas todas as vezes que se olhava no espelho, a semelhança divina incitava-o a prosseguir.

Em busca de uma tábua de salvação que flutuasse no mar de corrupção, fome e miséria em que se encontrava o País, as pessoas sofridas da região acorreram a ele cheias de esperanças. A notícia espalhou-se rapidamente por todos os recantos.

O bispado reagiu enviando uma comissão com o fito de demovê-lo daquele alucinado comportamento. Ninguém é mais incompreendido do que os idealistas, os predestinados, aqueles que chegam a este mundo antes da hora. Por causa desses pensamentos, não desistiu. Ele mesmo nunca soubera se era normal ou louco.

Meses depois, a Igreja Católica tomou posição definida e drástica: ou ele parava com suas pregações, ou seria, sumariamente, excomungado. Ora – pensava – quem poderá fazer isso a mim se toda autoridade de mim emana? Rogava mais uma vez ao Pai para que lhes perdoasse, porque apesar dos quase dois mil anos, "os rabinos" ainda não sabiam o que estavam fazendo.

Numa tarde, enquanto pregava a uma multidão, subiu até onde se encontrava, trazendo consigo um surdo de nascença, um sacerdote muito esperto. Interrompeu o sermão, desafiante:

– Caros fiéis, o próprio Jesus afirmou que aqui só voltaria com sua presença física para julgar os vivos e os mortos, no Juízo Final. Este homem vive fora da realidade. É um autista que, por causa de problemas mentais, criou um mundo irreal e autônomo, e isto pode ser muito perigoso para suas almas. Tenho aqui comigo o Joel, surdo de nascença que todos vocês conhecem. Vejamos se este Jesus lhe devolverá a audição.

Sem temer, o pregador retrucou em riste:

– E se o Joel passar a ouvir, acreditará em mim?

O sacerdote inquietou-se sobremaneira, mas apesar da ameaça cheirar-lhe a "tentar Deus", não recuou. Estava mais que certo que o Joel continuaria surdo e que aquele homem seria desmascarado. Por isto, desafiou prepotente:

– Não só eu, mas todos os que estão aqui, certamente, acreditarão que você é Jesus Cristo. Faz com que ele ouça os trinados destes galos-da-campina e acreditaremos.

Tomando ares de intensa compenetração, o "tresloucado" foi até ao surdo e apoiando as mãos nos ombros dele, fitou-o nos olhos, repreendendo o sacerdote:

– Por que duvida? Acha isso impossível a meu Pai que está nos céus?

Fez-se silêncio sepulcral. Sem saber ao certo o que estava se passando, e vendo diante de si uma figura que tanto já vira em folhinhas e igrejas, o surdo de nascença foi entrando numa espécie de transe, em seu mundo de ilusões e sonhos. Seu coração encheu-se de fé; sua alma transbordou de esperanças. Já não tomava sentido ao que se passava ao redor. Cada célula de seu corpo foi sendo invadida por uma força capaz de remover montanhas: a fé. Ele sim, entre todos, era o único que não tinha dúvidas de estar diante daquele que poderia livrá-lo da surdez: Jesus Cristo.

E o lindo véu escarlata que naquela tarde encobria o horizonte árido, testemunhou, pelo milagre daqueles ouvidos que se abriram, os belos trinados dos galos-da-campina. De joelhos, rosto banhado em lágrimas agradecidas, o até então surdo ascendeu aos céus um olhar comovente.

O homem que se dizia Jesus Cristo não havia dito, pedido nem ordenado nada. O surdo havia se curado pela própria confiança. Então, voltando à realidade, desceu a colina certo de que era o mais comum dos mortais, mas que poderia ser Deus sim, se conseguisse ter fé.

Crônica: **PARA SER MELHOR**

Quando lemos a vida de Rui Barbosa, Machado de Assis... Quando vemos, pela televisão ou cinema, as jogadas criativas e incríveis levadas a efeito por Pelé, Garrincha, Zico... Quando nos falamos da vida de Chico Xavier, da irmã Dulce, de Antônio F. Lisboa, o Aleijadinho... Quando, depois de tanto tempo, ainda se derramam lágrimas pela morte de Ayrton Senna... Quando lemos a biografia do pensador grego Epicteto, do poeta português Camões, do compositor alemão Beethoven, do inventor norte americano Thomas Edison, do físico italiano Galileu... Enfim, quando nos estarcemos diante dessas celebridades maiores, imaginamos que foi a graça de Deus que os fez sobrepujar outros tantos competidores.

Também acredito que sem a anuência de Deus, sem Sua escolha e indicação, nenhuma criatura se destacaria entre os milhões de concorrentes que existem em cada ramificação dos

esportes, da cultura, da música, dos inventos, das artes e de tudo quanto o homem se digne realizar.

No entanto, jamais (e se apontarem um, é falso) houve um maior, um melhor, pela simples graça de Deus. Não é que Deus seja incapaz de fazer de um preguiçoso, um campeão. A verdade é que, embutida no contrato, vem a cláusula que exige a nossa força de vontade, a nossa coragem e a nossa determinação, tão necessárias quanto a graça de Deus. Como testemunhas, temos milhares de homens que desempenharam missões que embasbacaram o mundo, e que foram escolhidos entre pessoas simples, humildes e até, fisicamente, deficientes.

Ninguém nasce sabendo tudo. É muito abrangente a afirmação de que o espinho nasce com a ponta. Deus dá a inteligência, mas não o conhecimento; dá a gíngua, mas não os passos; dá os músculos saudáveis, mas não a velocidade e a força; dá o raciocínio rápido, mas não resolve os problemas para você; dá o caníço, mas não o peixe; dá a vocação, o tino, o dom, a perspicácia: dá o diamante bruto, mas não o burila para que brilhe por si.

É indispensável nosso consentimento e participação a cada minuto de nossas vidas, para que o dom de Deus atinja sua plenitude e o homem venha a ser o melhor em sua atividade. Isto custa muito esforço, horas de sono, anos de dedicação, abstinências, mortificações, estudos, disciplina, enfim, uma série de virtudes, tão custosas quanto a glória a que equivale: a de ser o melhor naquilo que faz, entre mil, milhões ou até bilhões de concorrentes – se enquadrarmos o homem no contexto mundial.

Durante os meus "muitos poucos anos", conheci milhares de pessoas, tanto nos esportes como nas artes e no trabalho. Vi, no futebol, muitos Pelés serem Zés Pretinho; muitos Ruis Barbosa gritando pelas ruas, "olha o jornal!"...; muitos Robertos Carlos fazendo serestas, embriagados pelas ruelas escuras de minha vila; muitos grandes homens relegados ao anonimato por causa da pusilanimidade.

Eu notava neles a grande facilidade de tocar na bola, de dar o drible; de escreverem uma lauda inteira e bem escrita, sem erguer a caneta do papel; de cantarem músicas de improviso, quase sem tropeço algum. Era fácil perceber que haviam nascido (cada um, respectivamente) com o dom para jogar futebol, ser escritor ou um exímio cantor. A graça de Deus era quase palpável, mas foi desconsiderada por causa do desleixo, da preguiça, da falta de coragem e da pouca força de vontade. Transformaram-se em mortais comuns, desses cuja lembrança não vai além da durabilidade de uma frágil cruz de cemitério.

Em rodas de amigos, lembramos deles com pesar, pois seriam grandes e imortais homens, orgulho da terra, não fosse a cachaça, as drogas, a vida airada e a preguiça de investir as bíblicas “dracmas” recebidas.

Conhecendo-se um pouco da história, percebemos que, quando está escrito nos fastos do Eterno, só nossa preguiça pode impedir que a graça de Deus realize, em nós, maravilhas. Por isso, a Irmã Dulce, talvez a mais pobre e debilitada das baianas, propiciou mais bem-estar e conforto aos pobres e necessitados de Salvador, do que muitos milionários do mundo inteiro. Ela recebeu a semente, plantou-a, irrigou-a, cuidou dela e colheu seus frutos.

Qualquer um, quando desenvolve a vocação recebida, pode se destacar. Não é preciso ser rico, ter patrocinadores, possuir compleição perfeita..., é necessário, apenas, querer e lutar, incansavelmente. Não é por menos que temos grandes pintores sem os braços; grandes altruístas, extremamente doentes e pobres; grandes campeões vindos dos guetos e das favelas; grandes alpinistas, totalmente cegos; grandes homens, em todo o mundo, passado e presente, que nos estontearam e estonteiam pela capacidade incrível de superar as deficiências e dificuldades. O homem pode falhar com Deus, mas Ele, jamais, com os homens.

Gostaria muito que os adolescentes lessem e acreditassem nisso. Há entre eles, certamente, muitos Shakespeares, Einsteins, Freuds, Moisés, Spencers, Cíceros, Platões, Demóstenes, Da Vincis, Zicos, Ayrtons Senna, em suma, grandes cientistas, atletas, inventores, sábios, cirurgiões, artistas, atores..., anônimos portadores de dons presenteados por Deus e que vivem despercebidos entre nós por causa do medo de enfrentar as adversidades.

Peço-lhes que não duvidem: quem quer uma coisa possível e honesta, e luta por ela, consegue. Quando se almeja algo assim, temos o aval e a parceria de Deus e, com Ele, sem restrições, se fizermos a nossa parte, as coisas acontecem.

MANOEL AURELIANO NETO

Manoel Aureliano Neto é juiz, escritor, cronista. É maranhense de São Luis, nascido em 1º de dezembro de 1947. Possui diversos livros publicados sobre sua área de trabalho, o Direito, mas também muitas crônicas e reflexões. É membro da AIL e da Academia Maranhense de Letras. É autor dos livros “A aplicação dos princípios da proporcionalidade e razoabilidade nas relações de consumo” (2008), “Juizados Especiais Cíveis e o novo CPC” (2015), “Crônicas e reflexões”, “Canções de uma vida”, e em coautoria Contos de Imperatriz.

Crônica: **DE CARNAVAL**

Carnaval. Festa que tem um soberano poder de tirar do anonimato mais anônimo de qualquer um de nós. Em alguns rincões desse nosso Brasil, com dinheiro ou sem um réis, as pessoas que encaram a festa momesca com muita disposição. Brasil, de um canto a outro, se veste de Carnaval. É, em si, um imenso carnaval, fantasiado a caráter, não mais a esbaldar-se no tríduo momesco, mas nas semanas ou no mês todo do Momo. As festas se propagam de tal sorte que o país se transforma no agradável clichê de país do Carnaval.

Bem. Estou apenas aproveitando o tema para voltar aos idos de 1975, quando cheguei a Imperatriz. O Carnaval era brincado mais nos clubes. A folia não gostava de andar pelas ruas. Às vezes, havia uma ou outra brincadeira, mas não possui o caráter da massificação. Os bailes tornavam as ruas desertas.

Os dois clubes sociais - Jussara e Tocantins - eram os pontos onde o folião jogava para fora toda sua timidez. Vestia-se de Carnaval. Desbundava. Era o encontro do ego com o id. Tocantins, com sua sede na rua Godofredo Viana (e a Campestre, no Bananal), situada na outra esquina do Cartório do 1º Ofício, era, à época, um clube pouco vocacionado para a elite, e onde a massa menos aquinhoadá - ou mais tradicional - gostava de brincar, ainda mais porque sua localização era no centro da cidade.

Juçara, fincado no bairro do mesmo nome, congregava uma outra faixa da sociedade. Ou, pelo menos, uma boa parte desta. Era então um clube voltado mais para a elite. Fazia um belíssimo e concorrido carnaval. Na época, solteiro, um pouco comprometido com a gandaia menos clubística, não dava muito valor a essas festas carnavalescas dos clubes. Gostava de curtir as noites do Balaio ou Cantão, mais primeiro, que reunia toda a juventude, nas memoráveis sextas-feiras, sábados e domingos.

Balaio e Cantão? Quem não se lembra? Eram os pontos em que todos se encontravam. O Balaio era um clube mais de jovem. Fervilhante. Mesmo estridente. Onde as pessoas iam mais para beber, dançar. Encontrar-se. O Cantão, de fisionomia mais circunspeta, ar maduro, próprio para ouvir música e, no seu embalo, fazer abusivas ingestões de umas boas geladas. E conversar. Zé Edilson, o nosso colunista social, se encarregava, na edição da semana seguinte de O Progresso, de comentar as fofocas. Os amores feitos e desfeitos. As aventuras e desventuras.

Balaio e Cantão eram, na verdade, pontos de encontro de uma turma que fazia a preliminar para festa do Juçara ou do Tocantins. Esses dois clubes retiravam da cidade o seu aspecto bucólico, mais agreste, dando-lhe um ar mais jovial, menos campesino. Enfim, um aspecto mais moderno. De cidade grande ou grande cidade. Pois é: essa é imagem dicotômica que me vem à mente, ao pensar sobre aqueles momentos, envolvendo, com certa nostalgia, esses dois espaços essenciais

na vida noturna de Imperatriz. Durante o dia, a ideia que se tinha de Imperatriz era de cidade do sertanejo, do agreste, com os fazendeiros a entrarem e saírem dos bancos (Real e Bradesco – aquele na Praça de Fátima e este na Godofredo Viana), ostentando seus chapelões garbosos e as suas botas sertanejas, de bico fino, com as pontas da calça nela enfiadas. Cacoete de homens endinheirados, que, noite adentro, eram encontrados no baile mais alegre e frequentado da cidade. Cuidado que tem tido Jurivê de, vez por outra, ao nos contar fatos inusitados, trazer-nos essa gostosa lembrança daquela festa mundana, onde todos eram iguais perante a mesa.

À noite, nos finais de semana, com a sexta-feira já presente, a cidade tomava outros ares. Ter-se-ia uma grande festa. Os salões de beleza se enchiam. As mulheres se preparavam. Os homens não deixavam por menos. Zé Edilson, bem informado de tudo, fazia toda a badalação informativa na sua coluna. Era o momento mágico. Do encontro e do desencontro. Mas, antes, a necessária passada pelo Balaio ou Cantão, como ritual preparatório do grande evento.

Não foram muitos os carnavais. Mas de carnaval a carnaval, foi-se vivendo esse lado agradável de Imperatriz, onde as amizades eram construídas no primeiro momento do encontro. Tantos eram os amigos. Uns de ocasião. Outros que se eternizaram dentro de nós. E fazem-nos ter o sentimento de ausência, uma espécie de saudade envergonhada, um tanto tímida, lembrando alguns momentos de Imperatriz – esse monumento de amor que sempre soube acolher os que para ela migraram.

MARCOS FÁBIO

Marcos Fábio Belo Matos é escritor, cronista, contista. É Cofundador da Academia Balsense de Letras e membro da ALL-Imperatriz. Possui uma produção eclética, transitando entre a ficção, a poesia, a crônica e principalmente o conto. É autor de *Anonimato* (1990), *O homem que derreteu e outros contos* (1997), *Coletânea da Academia Bacabalense de Letras* (2003), *Comunicação: outros olhares* (2004); *Cotidiano cinza* (2004), *Crônicas de menino* (2006), *Entrevozes* (2008); *Comunicação, Jornalismo e fronteiras acadêmicas* (2011); *Comunicação: práticas e reflexões*, e-book (2013); *Coletânea Maranhão em contos* (2014), *Contos cáusticos* (2015), *Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís* (2016); *Jornalismo, Mídia e Sociedade: as experiências da região Tocantina* (2017); *Comunicação, Jornalismo e fronteiras acadêmicas II* (2017); SILVA/SANTOS (2017).

Crônica: **A ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS**

No centro de Imperatriz, existe um prédio histórico, em frente à praça da Cultura, uma das mais arborizadas da cidade. É lá que se briga a Academia Imperatrizense de Letras. Em 2016, tive a honra de ser escolhido como um dos 40 membros daquele sodalício, para ocupar a cadeira que pertenceu ao renomado professor e historiador João Renôr.

Para mim, é uma alegria estar na AIL (é assim que a chamamos, pela sigla). Reunimo-nos às quintas-feiras, às 17h, para nosso chá. É, antes de qualquer ar de ritualidade, uma reunião de amigos e amigas (chamamo-nos “confrades” e “confreiras”, nas ocasiões mais formais, mas, na intimidade, chamam-nos pelos nomes).

Dos 40 membros, costumam participar das reuniões menos de 20. A AIL tem membros espalhados por muitos lugares e que não conseguem, por questões de limitação geográfica, estar nas reuniões semanais. E tem também outros que, mesmo estando na cidade, optam por não comparecer. Mas vão. E, quando vão, é uma alegria estar com eles.

Nas quintas, tomamos nosso chá, suco, café, comemos bolo, biscoitos e frutas cortadas. Tudo pago por nós mesmos. A AIL não tem ajudam mensal de nenhum tipo de poder. Discutimos os assuntos pertinentes à nossa vida administrativa, lemos trechos e livros (nossos e dos outros), damos conta das nossas atividades sociais (palestras que fazemos, reuniões aonde vamos, nossas publicações etc.), recebemos visitas. Invariavelmente, fazemos troças uns dos outros, contamos piadas, sorrimos, discutimos, concordamos e discordamos com muita frequência. Somos, enfim, um grupo de amigos e amigas que temos, todas as semanas, um motivo para nos encontrar.

A academia presta um grande serviço para Imperatriz e aos demais municípios próximos. Todos os anos, fazemos o Salão do Livro de Imperatriz (o Salimp, que em 2018 vai para sua 16ª edição); temos uma biblioteca confortável aberta ao público, com um acervo multidisciplinar; recebemos sempre nas nossas dependências estudantes de todos os níveis; somos fiéis depositários do acervo impresso do jornal O Progresso, o mais antigo de Imperatriz, que é usado para muitas pesquisas, sobretudo por estudantes universitários.

Uma das coisas que percebi, quando cheguei a Imperatriz, em 2006, foi o significado simbólico que a AIL tinha na coletividade, como era respeitada, como era (re)conhecida por muita gente, como os seus membros eram considerados. Diferente de outras academias de letras, que vivem no ostracismo, a de Imperatriz se faz perceber na vida cultural da cidade, se faz importante no dia a dia, nas discussões que interessam à vida coletiva, movimenta-se e movimenta o cenário da literatura, da arte e da cultura em geral, nessa que é a segunda mais importante cidade do Maranhão.

Por isso e por tudo o mais, é um orgulho estar lá, entre os confrades e as congreiras, cujos nomes, histórias e trajetórias de vida honram aquela casa, fundada em 1991 por um grupo de intrépidos escritores e homens de cultura. E que chegará, daqui a alguns dias, aos 27 anos bem vividos.

Crônica: **A UEMASUL E AS METÁFORAS**

A Uemasul virou uma realidade. Por compromisso do governador, atendendo a uma antiga reivindicação da comunidade da região, cuja principal cidade é Imperatriz, a universidade nasceu como lei aprovada na Assembleia Legislativa – projeto relatado pelo deputado Marco Aurélio. Aplausos de muitos, vaias de alguns, críticas de outros, agora ela está, oficialmente, criada, devendo seguir seu curso legal, burocrático e administrativo.

Neste espaço, eu gostaria apenas de apresentar, como muita gente já fez, a minha defesa da criação de uma nova universidade estadual. E o farei não com dados estatísticos, econômicos, socioeducacionais, históricos ou acadêmicos.

Farei usando metáforas.

A primeira: imagine uma mesa bem grande, daquelas de filmes ambientados no século XVII, XVIII ou XIX – ou de séries históricas. Ou da casa de sua avó. Qualquer que seja a mesa que você imaginar, ela tem que ser grande, comprida. Agora, imagine que, sobre essa mesa, há alguns pratos para o jantar. E, ao redor dessa mesa, estão sentados muitos comensais. Só que, detalhe, os pratos estão todos concentrados em uma das cabeceiras da mesa. Onde, claro, está sentado o sujeito que é responsável por distribuir a comida. Só ele e mais ninguém tem o poder de colocar, em cada prato, a porção que lhe apetece. Então, ele faz a divisão que lhe aprovem. Claro que você entende que aqueles que estão mais perto dele, por qualquer razão, terão acesso a porções mais generosas do jantar e de comidas mais gostosas. Os que estão no meio da mesa para a outra ponta-extremidade terão que se contentar com o que sobrar.

A segunda: Não sei se você viu o filme “Que horas ela volta?”, o premiado longa metragem que tem Regina Casé como protagonista. Para quem viu e para quem não viu, um resumo da história. Val trabalha como empregada doméstica numa casa de ricos e “dorme no emprego”. Um dia, ela recebe sua filha, adolescente, para “passar um tempo” com ela e que fica alojada na casa. Val “vive” rodeada de coisa boa. Mas, como empregada, não tem acesso a (quase) nada daquilo. Val tem e não tem acesso a uma vida boa. Pode servir o sorvete fino do patrão, mas não pode comer; pode lavar a piscina, mas não pode banhar nela; limpa os quartos confortáveis, mas dorme no “quartinho da empregada”, com ventilador. A filha de Val, claro, se revolta. E Val, no

fim, acaba deixando aquele emprego e se aventurando numa vida menos “confortável”, abraçando o risco de viver sem “proteção” dos patrões. Val, enfim, se torna independente.

Da primeira metáfora, uma lição: é sempre preciso distribuir comida. Quem se contenta em comer numa mesa grande e mal distribuída é porque se contenta com migalhas da má distribuição do jantar. Da segunda, outra: é preciso surgirem as “filhas de Val” para mostrar que o que parecia certo é, na verdade, uma injustiça. E que é muito melhor ter pouco e saber que é seu do que ter muito e não poder usufruir de quase nada.

Crônica: **CURSO DE JORNALISMO: 10 ANOS**

Hoje, exatamente hoje, o curso de Jornalismo da UFMA Imperatriz completa dez anos. NO dia 16 de novembro de 2006, era realizada a “aula inaugural”, juntamente com os cursos de Engenharia de alimentos e Enfermagem, no auditório do Campos Centro. Éramos ali, talvez umas cem pessoas, ouvindo atentamente o que dizia o ministrante, o professor Francisco Gonçalves.

Foi uma data memorável. Pelo que representou das lutas do passado para a instalação de novos cursos na UFMA (que, até então oferecia apenas os cursos de Ciências Contábeis, Direito e Pedagogia, todos noturnos); pelo que representava do presente, com a possibilidade de expansão do Campus (então, recentemente transformado em Centro de Ciências Sociais, saúde e Tecnologia – CCSST), aporte de mais recursos, ampliação de sua estrutura, “movimentação” gerada pelo fluxo de alunos e professores, agora nos três turnos – e por tantas coisas mais; e pelo que representaria do futuro, com a transformação do CCSST em um centro, realmente de ensino, pesquisa e extensão. Tudo isso se confirmou; ou está se confirmando. Nesse sentido, aquela aula foi uma simbologia.

Especificamente, para o campo do Jornalismo, o curso traria a médio prazo, uma nova configuração profissional. Daqueles 46 jovens que iniciaram, muitos se formaram e ocuparam seu lugar no mercado de trabalho – quer nas TVs, nas rádios, nos jornais, na internet ou nas assessorias de comunicação e imprensa; outros seguiram para o mestrado, atrás de mais qualificação. Tudo isso acabou por reconfigurar o jornalismo em Imperatriz. Em uma década, é impossível não ver a transformação.

O curso também mudou. E para melhor. Em dez anos, tem quase a totalidade dos seus professores com doutorado. Possui muitos grupos de pesquisa em desenvolvimento. Tem projetos de extensão reconhecidos e em plena atividade – como, por exemplo, o Imperatriz Notícias, o maior e mais antigo portal de notícias da região, funcionando desde 2010. Tem laboratórios em

funcionamento. Conseguiu implantar uma pós-graduação em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional, que está em plena atividade. E caminha rumo à implantação de um mestrado – que, quando acontecer, será o primeiro em Comunicação do Maranhão e da Região Tocantina. Outro mais perto só em Palmas...

São vitórias, certamente. É uma mudança de cenário para uma área de extrema importância social, como é o Jornalismo. E é a universidade provando que ela, quando se instala em um cenário, consegue trazer a mudança socioeconômica e cultural para qualquer contexto. O diploma é só o abre-alas de um processo muito maior, que redundará em felicidade, em transformação de vidas particulares e de famílias inteiras, em empoderamento e em qualidade da informação que circula por uma comunidade.

Estamos apenas na “primeira geração” do curso. Muitas outras revoluções, certamente virão. Muitos alunos e alunas sairão dos bancos da UFMA para tentar dar sua contribuição – grande ou pequena – para a melhoria do local onde vivem e onde trabalham – onde são “intelectuais orgânicos” no conceito do velho Gramsci.

Vida longa ao jornalismo! E parabéns a tod@s que o fazem – na universidade ou nas ruas – todos os dias.

TRAJANO NETO

Raimundo Trajano Neto é natural de Vitorino Freire-Ma. É escritor, poeta, romancista, cronista, membro da AIL, cadeira 11 a qual pertenceu a Jurivê de Macedo. Desde 2021 Trajano Neto tomou posse como presidente da AIL. Em sua trajetória, Trajano Neto, em 1975 mudou-se para Imperatriz, ocupando a função de Bancário do Banco do Brasil, presidindo a AABB por vários mandatos. Foi vereador de Imperatriz de 1997 a 2000. Em suas obras publicadas, encontramos seu primeiro livro intitulado *translúcidos* (1999); também escreveu *Entre tantos e outros* (2003), *Miscelânea* (2009), *a Pedra e outros poemas* (2014), *Andanças* (2018).

Crônica: **CRÔNICA DA SAUDADE**

Anos sessenta! Década em que a música popular atingiu o seu ápice. The Rolling Stones, The Beatles, entre outros expoentes da época, contribuíram, sobremaneira, para a evolução mundial da música jovem. O mundo, especialmente do lado ocidental, rendeu-se aos acordes das guitarras daqueles músicos. A juventude brasileira não ficaria – como não ficou – à margem daquele movimento, influenciada que foi, entusiasticamente, pelo embalo produzido pelas vozes,

pelo instrumental e pela mensagem plural das letras daquelas canções, ainda hoje ouvidas e sentidas pelas gerações do ontem e do hoje.

Em nosso país destacam-se grupos musicais que marcaram fortemente aqueles áureos anos sessenta. Os nossos nativos The Fevers, Renato e seus Blue Caps, Os Incríveis, Os Pholhas e outros artistas brasileiros embalaram os grandes bailes, as tertúlias e os vesperais de adolescentes e adultos.

A influência da música estrangeira, entretanto, não descaracterizou a força, o romantismo, o potencial crítico e a beleza do ritmo e das letras genuinamente brasileiras, dos nossos músicos e compositores, estes, imortalizados através de suas respeitáveis obras.

Indelévels anos sessenta! Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Roberto e Erasmo Carlos, Caetano, Gil, Bethania, Gal e tantos outros e outras que, por mérito, imortalizaram-se na história cultural da música brasileira.

Contraditoriamente, a década de sessenta foi também o momento do apogeu da ditadura militar; para uns, sinônimo de ordem e civismo, para outros, sinônimo de conturbação social, de tortura e repressão intelectual, política e ideológica.

Interessante trazer à baila essas lembranças que povoam a minha mente, retornando, nas asas do tempo, à minha cidade natal, Vitorino Freire, onde, para as crianças, assim como para os adultos menos esclarecidos, os comunistas eram animais ferozes e dissimulados que, na cada noite, no Campo Santo, desenterravam os mortos para comer-lhes a carne.

A verdade é que, à exceção de alguns detalhes de caráter político-administrativo, a ditadura militar, a chamada “Revolução Política Brasileira”, cuja data magna é 31 de março de 1964, não chegou a baixar a sua mão de ferro na rotina do povo pacato de minha cidade. Ali, os detentores de cargos eletivos (prefeitos e vereadores) não tiveram cassados os seus mandatos. Apesar das contumazes fraudes eleitorais, ninguém foi preso nem torturado. Preponderaram, lá, outros valores, outros fatores.

No decorrer daqueles anos, aconteceram algumas coisas boas, as quais contribuíram decisivamente para as mudanças de hábitos nos campos da cultura, da política e do comércio de minha querida Vitorino Freire, destacando-se a instalação do Ginásio Bandeirante, em 1968, oportunidade em que jovens e adultos que haviam cursado a escola primária aproveitaram para continuar seus estudos, matriculando-se no curso ginasial, após rigorosa seleção intitulada “Exame de Admissão ao Ginásio”, espécie de vestibular da época.

Anos sessenta! Foi realmente um período interessante. A juventude cantava, dançava, jogava futebol, namorava, trabalhava, estudava e LIA! Sem dúvida, lia-se bem, mais de que nos

dias atuais. Os estudantes, bem orientados e estimulados pelos professores, dissecavam as obras literárias dos grandes autores nacionais e estrangeiros. Havia, sim, um intenso intercâmbio literário entre alunos e professores. Alguns jovens até arriscavam-se a escrever textos em prosa e poesia, que eram lidos durante os saraus e recitais, comuns àquela época. Estudava-se a métrica, a cadência e a rima da poesia, assim como a técnica moderna dos poetas contemporâneos, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, que irreverente escreveu... “Eu te gosto/ você me gosta/ desde tempos imemoriais. / Eu era grego/ você troiana. / Troiana mas não Helena. / Saí do cavalo de pau para matar teu irmão. / Matei, brigamos, morremos...”

Naquele período, na minha cidade, não havia conexão com a televisão. O meio de comunicação mais moderno era o rádio, fato que contribuía singularmente para que se lesse mais; para que se dialogasse mais no meio familiar, nas calçadas e nos terraços das residências, nas escolas e nas reuniões de trabalho sociais, culturais...

Na luminosidade dos meus dezessete anos de idade, quando iniciei o meu curso ginásial, sonhei sonhos dourados, apegado à leitura de bons livros da literatura brasileira e universal, alçando voos imaginários que me levaram a remotas eras, a lugares e situações somente descritíveis através dos textos bem elaborados, verdadeiras joias literárias produzidas por escritores magistrais.

Quanta saudade de minha cidade Vitorino Freire! Saudade do Ginásio Bandeirante e da Escola Frei Celso! Recordo com prazer imensurável o Grêmio Estadual Humberto de Campos, do qual fui o primeiro presidente, eleito democraticamente, apesar – pasme – do meu voto contra. Quantos eventos cívicos, socioculturais realizados no “salão nobre” da escola! Quantos jogos na sala de “chão batido” do velho Bandeirante, palco das minhas exibições futebolísticas e onde fui batizado e consagrado pela torcida como o melhor goleiro de futebol de salão!

Ouvi, com tristeza, de um amigo que o prédio que abrigava aquelas duas escolas, santuários da formação cultural de tanta gente boa, foi demolido, apagando assim o registro de parte da história, minha e de tantos outros que por ali passaram e que depois se espalharam pelos vários recantos do Brasil e do mundo.

Impossível esquecer a praça principal, localizada na parte central do aglomerado urbano, adornada de flores de diversos matizes e agradáveis perfumes; flores que eram cuidadosamente colhidas pelos rapazes e por eles gentilmente ofertadas às lindas mocinhas. Naquele logradouro, enquanto os casais enamorados caminhavam de mãos dadas, ouviam-se vozes acompanhadas de sonoros violões, em alegres cantadas noturnas.

Embolados na saudade estão muitos outros momentos especiais e, claro, pessoas cujos nomes não serão declinados neste texto por medo de cometimento de eventual e injusto esquecimento de algumas delas, pois a borracha do tempo é uma constante ameaça ao registro de nossas lembranças.

Os empurrões da vida distanciaram-me da terra guardiã do meu cordão umbilical, mas tive a sorte, pois fui acolhido carinhosamente por outra cidade que me adotou e aconchegou-me como se me tivesse parido. Refiro-me a Imperatriz, a minha outra terra-mãe, onde, também, aqueles anos sessenta deixaram marcas inesquecíveis.

Muitas águas rolaram desde aqueles saudosos anos sessenta. Sou agora um jovem quase sexagenário que, teimosamente, ainda pula, dança e comete outras peripécias; que dorme serenamente e sonha – Sim! Claro! Ainda sonho e viajo nas asas dos livros que leio, dos textos que escrevo e da saudade que sinto, acreditando sempre que principal função do espinho é proteger a flor.

Seria bom, Vitorino Freire amada,
Poder voltar ao meu tempo de criança,
Correr livre, qual vento na esplanada,
Com os olhos recheados de esperança!

Crônica: **TRIBUTO A IMPERATRIZ (I)**⁴

De mim para ti... por ti...
Por mim... por eles... por nós,
querida, respeitável,
Laboriosa e secular senhora,
eu, modesto vate,
nascido de outra terra
e filho teu por adoção,

⁴ Muito embora seja por natureza um poema, o qual Trajano Neto faz uma homenagem carregada de sensibilidade e sentido, muito se poderia enxergá-la como uma crônica poética, cuja essência está entrelaçada de sentimentos de ternura apreço e ao mesmo tempo, revelando um olhar apurado sobre a cidade de Imperatriz – percepções e impressões.

a ti dedico versos soltos
para dizer-te do meu sentimento
com liberdade de expressão.
Robustecido pelo amor
que diviniza o homem,
deposito em teu solo
gotas de suor,
sementes de esperança.
Esperança na força do trabalho,
na justiça e no progresso,
na moral e na razão.
Que teu povo aguerrido
seja justo no caráter,
agindo com retidão;
que lute, que batalhe,
que viva com alegria
em busca da evolução.

Crônica: **MINHA CIDADE**⁵

Quero-te poética e musical.

Harmoniosamente musical!

Orquestrada pelos melhores regentes!

Amada pelos amantes mais ardentes!

⁵ Tal e qual o texto “Tributo a Imperatriz”, do mesmo autor, trata-se aqui, pela natureza, de um poema; uma reverência à cidade – que completara 166 anos em 2018 - a qual o autor adota como sua; uma construção plena de sentido e sensibilidade e que também se poderia enxergá-la como uma crônica poética, concatenando emoções e revelando o olhar do poeta/cronista de forma única.

Porque tu és a minha cidade!
Porque tu és a minha casa grande.
Porque tu és o grande lar
Da minha família,
Dos meus amigos,
Dos meus vizinhos,
Dos meus irmãos de todas as raças,
Das gentes de todas as cores,
Das pessoas de todas as classes,
Dos filhos de todos os ventres,
Oriundos de todas as nações!
Minha cidade!
Minha casa grande
Banhada pelo majestoso rio Tocantins,
Quero-te acolhedora!
Quero-te muito feliz!
Quero-te imperiosa!
Quero-te culta e bela!
IMPERATRIZ!

VITO MILESI

Vito Milesi foi teólogo, filósofo, escritor, cronista, professor de filosofia e sociologia na Universidade Federal do Maranhão – Campus Imperatriz até 1994. Em meio século no Brasil, e sobretudo atuando nestas terras maranhenses, Vito Milesi teve produção literária intensa, publicando centenas de artigos em jornais locais, publicando uma série de biografias e atuando como tradutor de uma série de livros. Vito Milesi foi um abnegado defensor da educação e da literatura, engendrando sempre seus esforços no incentivo à formação de novos leitores, os quais enxergava uma oportunidade de emancipação do sujeito. Neste sentido, Vito lança livros de

crônicas, no firme propósito de partilhar situações do cotidiano e conquistar novos leitores. E as obras são: O carvalho de Tasso, 2001, quando completava 70 anos; *Leituras para contar*, de 2003 e *Leituras para pensar*, de 2004. Faleceu em 2005.

Crônica: TOLERÂNCIA, VIRTUDE AMBÍGUA

Um das figuras mais expressivas e veneradas nesta região tocantina é, sem dúvida, o sábio e grande educador que foi José de Queiróz. Quando jovem de uns 20 anos, ainda com algum rebusque de estilo, algumas repetições e conceitos, algum exortativo em primeira pessoa a deixarem transparecer o verdor da juventude, publicava um artigo no seu jornal manuscrito, O CAROLINENSE, com o título: **“Que coisa é ser tolerante.”**

Escreveu: *“A prática da tolerância (...) implica também a prática de todas as outras virtudes (...) É saber ser irmão da Humanidade (...); é ser caritativo, sem jactância nem exagero; humilde sem baixeza (...). Ser tolerante é viver a lei do amor que é, ao mesmo tempo, caridade, hospitalidade, franqueza, cortesia, nobreza de gestos e polidez de maneiras (...) Já não se compreende o fanatismo num mundo vocacionado à Harmonia...”*

A tolerância de que fala um saudoso Mestre é inteligente benevolência, é o reconhecimento do direito a alteridade, é a humildade de não se sentir terno de nada, é a força de suportaçãõ que é a grandeza de espírito. Em particular, a tolerância religiosa, a convivência pacífica entre as religiões (necessária e urgente no mundo - e Imperatriz também, sempre salvos os direitos de rechaçar as agressões gratuitas), é expressão de civilidade e maturidade cultural. O reconhecimento do pluralismo filosófico, do entendimento político, do ecumenismo religioso, da multiplicidade étnica, não pode ser simples, suportaçãõ, mas aceitaçãõ do outro, do diferente, admitindo que somos uma sociedade multiétnica e pluricultural.

Entretanto, como todos os valores humanos, também a virtude da tolerância tem os seus limites, ou, se quisermos, os seus excessos. Já os sábios antigos diziam que a virtude situa-se longe dos extremos (*“in médio stat virtus”*).

Existem duas espécies de falsa tolerância: a do irresponsável e a do cético. O irresponsável não se importa com o que acontece em sua volta; o cético cria camaradagem festiva como erro. Há casos em que a tolerância é danosa. Veja-se, por exemplo, o caso dos educadores, pais e mestres: se for ignorado o princípio de que a educação significa principalmente estabelecer limites e propor regras, o resultado será a permissividade, a libertinagem, o desnorteio moral. Um

psicólogo moderno, insuspeito de moralismo, aconselha que se fala experimentar aos filhos e alunos o sabor forte e salutar da vitamina N, ou seja da clara e definitiva injeção das normas, com a palavrinha “NÃO”.

Também no combate à criminalidade não pode haver lugar para a tolerância porque essa seria a impunidade. Nada do que, dentro de uma sociedade, cria desordem, divisão, ansiedade, insegurança, constrangimento, medo ou privação injusta da liberdade pode ser tolerado, assim como são inaceitáveis os ataques acintosos à verdade, pois seria alta covardia.

Um grupo de rapazes, alta noite, no meio da rua com gritarias e disparos. Um senhor corajoso, saiu ao encontro deles e pediu que respeitassem o sossego do bairro. A resposta deles foi: *“Quem é esse coroa? Ninguém manda na gente, morou?”*. A esses rapazes faltaram, quando crianças, umas boas palmadas no bumbum por excesso de tolerância. Quer apostar?

Crônica: **TELEFONE DE LUDOVICO**

Seu nome era Ludovico, mas todos o conheciam como "Pavio-curto". O pobre tinha duas manias: essa de querer ensinar e essa outra de não ter paciência de esperar que os outros aprendessem. Não que fosse professor, mas era totalmente aficionado às suas idéias que as queria enfiadas também nas cabeças dos outros. O pior é que não suspeitava que muitas destas idéias eram, pelos vizinhos, consideradas esquisitas, ou, pelo menos, singulares.

Uma virtude que ele julgava ter era a polidez, só que, também, não lhe era universalmente reconhecida. Outra virtude era atender ao telefone de casa: voz macia, pronúncia clara, bem soletrada. Tudo isso - ele dizia - era fruto de "polimento", pois sempre a gente tem que se lapidar como se faz com as esmeraldas ou as águas-marinhas.

Toca o telefone às 23 horas. Ludovico, já na cama, sente uma natural irritação, mas se controla. Levanta-se e atende. Afinal ele comprara a sua linha telefônica, espontaneamente, há mais de vinte anos e sabia por experiência que uma chamada telefônica é como uma intimação, uma convocação compulsória, e que o telefone é um mal necessário.

- Alô! Boa noite. Aqui, de Imperatriz, o número 721-xxx.

- Alô! Quem fala?

Voz feminina, um tanto rústica. Ludovico sentiu um "trem" nos joelhos.

- Aqui é o número 721-xxx, senhora ou senhorita.

- Mas com quem estou falando?

- Olhe, senhora: a senhora ligou para a minha casa. Quer falar com quem?

- É com a comadre Julita.

Ludovico sentiu o "trem" na barriga.

- Lamento, mas acho que ligou errado. Aqui não há ninguém com esse nome.

- Qual é o nome do senhor?

O "trem" subiu para a garganta.

- Olhe, isso não importa. A senhora me tirou da cama e discou o número errado.

- Qual é o número daí?

- Eu já disse: Imperatriz, 721-xxx.

- Não é o telefone da comadre Julita?

O "trem" já tremia na língua.

- Não! - Mas me diga o seu nome.

- Senhora, isso não é correto.

- Aí é a casa de quem?

O "trem" invadiu-lhe a cabeça e Pavio-curto soltou a voz:

- É do capeta, mulher. Do capeta, do capeta! Ouviu bem?

Ludovico desligou tremendo todo de cima a baixo e não dormiu aquela noite.

ZECA TOCANTINS

Zeca Tocantins é escritor, contista, cronista, compositor e Cantor, com 12 livros editados e publicados, morador de Imperatriz e membro fundador da AIL. Nascido em Xambioá-TO em 14 de maio de 1958, mudando-se com sua família para Imperatriz em 1963. Pela sua afinidade com as artes, aproximou-se das manifestações culturais da cidade e região Tocantina. Ressalta o artista que, seduzido pela vontade e incentivo do então amigo Adalberto Franklin, empreendeu a publicação de 12 livros. Entre suas principais construções encontramos *Calumbi* (1990); *Moinho* (1992); *Dez contos de Pulinário* (1994); *Gotas de sol* (1996); *Caminhos de nós* (1998); *Banheiros* (2001); *Colhedor de manhãs* (2003); *Pequeno ensaio sobre cultura, criação e arte* (2006); *Dialética do silêncio* (2007); *O Outro lado da ponte* (2010); *Curandeiras* (2012); *O último trem* (2015). SILVA/SANTOS (2017).

Crônica: **A BICICLETA**

Gostava de gastar minhas tardezinhas pedalando bicicleta. Saía do bairro União e subia a Avenida Getúlio Vargas até o encontro com a rua Ceará, onde podia escolher a direita que me levaria até o bairro Bacuri, ou à esquerda, que me daria no bairro Santa Rita. Ainda tinha opção de seguir em frente, atravessando toda a avenida até a Vila Nova ou a Vila Lobão. Pedalar me distraía e me levava aos amigos mais distantes.

Era assim que costumava chegar à residência do sanfoneiro e tecladista Temístocles, que além de músico era proprietário da banda Raios de sol. Gostava de saber dos acontecimentos. Esses profissionais assalariados viviam quase sempre numa corda bamba, alternando dias fartos com dias difíceis. Poucos deles tinham habilidade para criar uma reserva financeira para atravessar os momentos de escassez.

A cidade sem ladeiras facilita o tráfico das “magrelas”. Se nossos governantes providenciassem vias para esse tipo de transporte, seguramente nossos habitantes seriam mais saudáveis, afinal de contas, está comprovado cientificamente que pedalar faz bem à saúde. Além, claro, de não causar nenhuma poluição, contribuindo com a qualidade do ar que respiramos.

Os ciclistas esportivos uniram-se em grupos e fugiram do trânsito louco da cidade, buscando as trilhas e estradas que eles oferecem mais segurança. As academias adotaram bicicletas que não saem do lugar, agora, os trabalhadores que necessitam desse transporte tiveram que substituí-lo pelos coletivos. Pedalar na cidade grande, tinha ficado muito perigoso. Talvez um dia nossa evolução civilizatória nos leve a guardar os carros na garagem e dedicar um dia ao passeio ciclístico, permitindo assim que crianças e idosos pedale com segurança por nossas vias públicas.

Numa das minhas visitas à sede da banda, fui surpreendido por um por um Temístocles totalmente diferente, revestido de empresário. Encontrava-se atrás de um balcão comandando uma mercearia bem surtida. Ali se encontrava tudo, inclusive um açougue. Fiquei feliz em constatar que meu amigo havia prosperado, aquela mercadoria era a prova dessa constatação. Conversando, fiquei sabendo que o recurso para aquele investimento viera da venda da própria banda. As inconstâncias dos músicos e as dificuldades de contratos tinham levado meu amigo a tomar aquela decisão, fato que eu tinha magoado profundamente.

Sem pensar as circunstâncias, elogiei a decisão, desatei a língua falando de negócios, cheguei mesmo a afirmar que faltava apenas mais um passo para que ele fosse dono de um supermercado. Notei que meus elogios iam lhe tirando o ânimo; a tristeza habitou seu semblante e a voz saiu embaraçada: “Vou vender tudo e comprar outra banda”.

Aquilo me soou como bofetada. Aquele camarada devia dar graças a Deus por poder agora dormir os finais de semana com sua família; ele agora estava livre do abuso de certas pessoas que impõem suas vontades só porque têm dinheiro. Melhor ainda: tinha se livrado daqueles cantores daqueles músicos...

Minha mente foi povoada por um mundo de impropérios que só estancou quando o meu amigo voltou a falar como alguém que reconhece sua divina missão. “Meus clientes são os músicos desempregados da banda”. Baixei a cabeça.

Crônica: **BRINCANDO COM FOGO**

Quando desce a tarde sobre as águas do rio Tocantins, bandos de pássaros cruzam os céus em busca de seus dormitórios. Eu havia mergulhado, e agora esticava o corpo numa espreguiçadeira. Os anjos encarregados de recolherem as orações, já cumpriram suas tarefas e, agora se divertiam, pintando o céu de várias cores.

Foi nessa hora que tive a ideia estúpida: tocar fogo no capim seco da margem. Ao lado da minha casa, ficava uma casinha de palha do professor José Geraldo da Costa, que a utilizava, nos fins de semana, para seu descanso. Só descobri o perigo quando vi o capim queimando feito gasolina e, para complicar mais ainda, surgiu em vendo, não sei de onde, tangendo as labaredas pra cima da casa do professor.

O fogo gritava no barraco, devorando o capim, enquanto eu providenciava uma escada, um balde com água e uma vassoura para tanger as brasas que insistiam em repousar no barraco de palha.

Várias pessoas tinham se reunido para ver o acontecido e, o pior, eu ainda era um estranho na vizinhança. O fogo só parou porque não pode transpor um caminho que descia pro rio. Salvei o barraco. Mas foram destruídas dezenas de ninhos de galinha. Prometi pagar os ovos e nunca mais brincar com fogo. E a tarde estava tão bonita!...

Crônica: **EU E O PEIXE**

Tenho um quintal que é meu paraíso particular, onde, aos domingos, tento socializá-lo com amigos. Acendo a churrasqueira, armo a rede e ouço as músicas de que gosto, normalmente, de

parceiros espalhados por esse Brasil, como eu, também compõem sua música. Dois amigos, grandes historiadores, viriam me visitar neste domingo: Adalberto Franklin e João Rennor.

Acordo cedo, e vou até o seu Zequinha, comprar peixe para o almoço, retirados na madrugada, ainda vivos, e colocados em tanques de água. Compro um, de quase três quilos e, em casa, penduro no alpendre, enquanto tomo café. Desço o barranco do rio para tratá-lo, acompanhado de dois gatos que costumavam me acompanhar para comer as vísceras.

Na tábua de dona Zeneide, retiro o peixe da sacola e o mergulho no rio. Ele deu uma rabanada, escapou de minha mão e eu, incrédulo, fiquei vendo nosso almoço se distanciar. Subo o barranco encabulado, seguido evidentemente pelos gatos que também não entenderam nada. Em casa a mulher pergunta o que aconteceu, digo que o peixe foi embora. Ela não consegue acreditar, aliás, ninguém acredita. Meu consolo é saber que o peixe também vai contar a história e, naturalmente, peixe nenhum vai lh dar ouvidos. Ficamos desacreditados.

Crônica: **MEU REINO ENFRAQUECIDO**

Bela vista é um pequeno povoado margeando o rio Tocantins. Quem chega a Imperatriz e pega uma balsa, vai dá direto a esse povoado. Pois bem, rumando na direção do riacho Laborão, ergui meu reino. Adquiri um vira-lata preguiçoso para guarnecer o menino e a mulher, e, para compensar sua indisposição pro serviço, dei-lhe o nome de Feroz. Plantei uns quatro pés de manga ao lado de um robusto jenipapeiro, armei uma rede onde o vento vinha balançar meus pensamentos.

A vizinhança é ornamentada de simplicidade, aqui ninguém se acanha de pedir uma colher de café emprestado, e a garrafa de cana é levada à boca. Para incluí-los no meu reinado, distribuí títulos e honrarias a todos eles: quem era vigia nomeei ministro da guerra; quem era pescador foi nomeado Ministro das águas... Vivíamos felizes me meio a tantas autoridades.

Este ano, em pleno carnaval, morreu meu Ministro de Guerra e hoje, se foi meu Ministro das águas. Ainda não tive coragem de contar pro Rio, nem pro Boto, nem pros peixes que Florentino morreu. Foram 86 anos subindo e descendo os barrancos desse rio de onde retirava seu sustento como pescador, hoje a Lua é uma vela acesa que descansa sua luz no silêncio das águas. Quem sabe ela conte pro Rio o acontecido, enquanto eu escoro nas paredes de meu reino enfraquecido.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS: INDICATIVOS POSSÍVEIS

Neste bloco apresenta-se caminhos metodológicos aberto a possibilidade de serem adotados em parte ou no todo, os ainda que sirva como referência para outras aplicações no âmbito da sala de aula. O professor tem à sua disposição essa antologia de crônicas com proposta metodológica. Que se tornem mais que instrumentos, convertendo-se em recursos eficazes no desafio do letramento literário.

METODOLOGIA EM EXEMPLOS:

Dramatização	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none">1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc.2. O professor pede para que os alunos escolham duas crônicas curtas que possam ser adaptadas para uma dramatização. Forma-se três equipes, duas pra dramatizar e a terceira para avaliar, conforme perfil dos alunos.3. As duas equipes de dramatização trabalham separadamente seu texto, fazendo as adaptações para dramatização.4. Em seguida, as duas equipes apresentam em sequência o texto em formato de dramatização.5. A terceira equipe, de avaliadores, acompanham todo o processo, identificando ponto relevantes e dando feedback.
Jogral	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none">1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc.2. O professor pede para que os alunos escolham duas crônicas curtas que possam ser adaptadas para um jogral. Forma-se três equipes, duas para fazer o jogral e a terceira para avaliar, conforme perfil dos alunos.3. As duas equipes do Jogral trabalham separadamente seu texto, fazendo as adaptações para a apresentação.4. Em seguida, as duas equipes apresentam em sequência o texto em formato de dramatização.

	<p>5. A terceira equipe, de avaliadores, acompanham todo o processo, identificando ponto relevantes e dando feedback.</p>
<p>Leitura Provocativa</p>	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc. 2. Oferece algumas crônicas para livre escolha, em seguida propõe a leitura em voz alta de duas ou três crônicas escolhidas pelos alunos. 3. Após cada leitura, o professor provoca os alunos sobre o sentido da crônica, o que o autor quis dizer, se há alguma ideia não colocada claramente (subjacente ao texto), etc. 4. Ao término, pede para os alunos comentarem a experiência e/ou propor novas adaptações
<p>Leitura Individual</p>	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc. 2. Oferece algumas crônicas para livre escolha, em seguida propõe uma leitura silenciosa. 3. Neste formato, há a possibilidade de leitura de diversas crônicas ao mesmo tempo – individualmente. 4. Após certo tempo, convida/ motiva alguns para partilhar o sentido da crônica escolhida. 5. Ao término, pede para os alunos comentarem a experiência e/ou propor novas formas de leitura.
<p>Leitura Compartilhada</p>	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc. 2. O professor coloca algumas opções de crônicas da ANTOLOGIA, e faz uma votação simples para escolha de uma. 3. Em seguida o professor divide a turma em quatro equipes.

	<ol style="list-style-type: none"> 4. Cada equipe faz sua própria leitura da sua crônica escolhida, no interior equipe 5. Desfaz-se as equipes e monta-se um ciclo com todos 6. O professor faz as provocações para verificar as impressões sobre o texto escolhido de cada uma das quatro equipes, tirando as lições e apontamentos. 7. Ao término, pede para os alunos comentarem a experiência e/ou propor novas adaptações
<p>Jogos de Leitura</p>	<p><u>EXEMPLO:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O professor faz uma motivação inicial sobre o gênero das crônicas da região, autoria etc. 2. O professor divide a turma em 4 equipes: 3. O professor pede a uma equipe, que leia em sequência, sua respectiva crônica pra todos, de maneira que todos fiquem atentos e compreendam bem o texto. 4. O professor questiona à equipe A, sobre “o que o texto está tratando?” e repercute a resposta com todos. 5. O professor repete o procedimento com as demais equipes [B. C. D] 6. O professor em seguida, junta todos e coloca-se “no lugar do autor” de uma das crônicas trabalhadas, pergunta todos: “qual (is) pergunta (s) fariam ao autor daquela crônica?” E repercute as perguntas como se fosse o próprio autor. 7. Ao fim desse processo, partilham a experiência sob orientação do professor.
<p>Outros</p>	<p>O professor também pode, a partir de sua própria vivência/experiência em sala de aula, desenvolver outra estratégia ou mesmo fazer uma combinação de estratégias com crônicas desta ANTOLOGIA, considerando o perfil de seus alunos, CH disponível e metas da turma.</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIL. Academia Imperatrizense de Letras. Jurivê de Macedo: mestre da crônica jornalística. Imperatriz: Ética. 2012.

_____. Antologia: contos, contos, poesias. Imperatriz: Ética, 2012.

_____. Perfis Acadêmicos AIL 2016. Org. Adalberto Franklin e Livaldo Fregona. Imperatriz: Ética, 2016

_____. Crônicas e contos da cidade: antologia. Imperatriz: Ética, 2016.

ARAÚJO, Elson. Universo aberto. 1. Ed. Imperatriz. Estampa: 2021.

_____. Crônica Escassez e reciprocidade. Coluna Opinião. Jornal *O Progresso*. Disponível em <<https://oprogresonet.com/noticia/32068/escassez-de-reciprocidade>. Acessado em 08/09/23

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CNPJ INFO. AIL - Academia Imperatrizense de Letras. Disponível em [http://cnpj.info/Academia Imperatrizense-d-letras](http://cnpj.info/Academia-Imperatrizense-d-letras). Acesso em: 18 de set. 2021.

FRANKLIN, Adalberto. Ofício das Letras. Imperatriz: Ética. 1995.

FREGONA, Livaldo. Ao lado do travesseiro. 3. Ed. Imperatriz: Ética, 2011

_____. Livaldo Fregona: Blog do autor. Disponível em <https://jupiter.com.br/u/livaldo/> Acessado em 01/09/23.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

MATOS, Marcos Fábio Belo. Palavras no avesso. Imperatriz: Ethos Editora, 2019.

MILESI, Vito. Leituras para contar. Imperatriz: Ética, 2003.

_____. Leituras para pensar. Imperatriz: Ética, 2004.

NOLETO, Agostinho. O Portal da Amazônia: crônicas de terra e gente. Imperatriz: Ética, 2008.

NETO, Manoel Aureliano. Crônicas e reflexões. Imperatriz: Ética, 2008.

NETO, Raimundo Trajano. Translúcidos. Imperatriz: Ética, 1999.

_____. Andanças. Imperatriz: Ethos Editora, 2018.

PEREIRA, Tainá Serafim. Leitura proficiente: uma leitura para além dos muros escolares. Revista Saberes Pedagógicos. Criciúma, v. 3, nº 2, julho/dezembro 2019.

PORTO, Luiz Carlos. Imperatrizando. Imperatriz: Ética, 2005

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ. Por Cezar, Orlando. 2019. Site oficial. In: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/jurive-macedo-mestre-da-cronica-jornalistica.html> acesso em 25.08.22

PREFEITURA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ. Por Barros, Luana. 2018 Site oficial. In: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/jurive-macedo-mestre-da-cronica-jornalistica.html>. Acessado em 28.08.22.

PROSAS.COM In: <https://prosas.com.br/empreendedores/15887-jose-bonifio-cezar-ribeiro>. Acessado em 30.08.22

SANCHES, Edmilson. Crônicas da esperança crônica. Imperatriz: Ética, 2010.

SOCULTURA, Portal. Disponível em: <https://jupiter.com.br/u/socultura/jurive.html>. Jurivê de Macedo: Curriculum e textos. Acessado em 02/05/23.

_____. <https://jupiter.com.br/u/socultura/agostinho.html>. Agostinho Noletto: Curriculum e textos. Acesso em 23.06.23.

SANTOS, Aleilton. ARAÚJO, Leiliane. Acervo literário: um guia sobre escritores de Imperatriz. Imperatriz: Estampa Editora, 2017.

TOCANTINS, Zeca. Interior da gente. Imperatriz: Ethos Editora. 2019.

VELOZ, Carlinhos. Da discografia do autor. Disponível em [tps://www.vagalume.com.br/carlinhos-veloz/imperador-tocantins.html](https://www.vagalume.com.br/carlinhos-veloz/imperador-tocantins.html). Acesso em 23.08.23.